



ACADEMIA MILITAR

O Emprego de Carros de Combate em Pequenas Unidades de Reconhecimento

Autor: Asp Tir Cav Sandra Sofia Nunes Amaro

Orientador: Tenente – Coronel Cavalaria José Miguel Moreira Freire

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, Julho 2012**



ACADEMIA MILITAR

O Emprego de Carros de Combate em Pequenas Unidades de Reconhecimento

Autor: Asp Tir Cav Sandra Sofia Nunes Amaro

Orientador: Tenente – Coronel Cavalaria José Miguel Moreira Freire

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, Julho 2012**

Dedicatória

Á minha FAMÍLIA,
Em especial aos meus PAIS pelo apoio incondicional.

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer ao meu orientador, Tenente Coronel Freire, pela forma disponível como sempre me recebeu e por me ter ensinado a fazer um trabalho de investigação. Obrigado meu Tenente Coronel por me ter ensinado a “pescar em vez de me ter dado o peixe.”

Ao Major Ponte, orientador inicial deste trabalho quero agradecer o empenho que demonstrou durante o tempo que desempenhou funções de orientador bem como a confiança depositada, pois mais do que querer fazer um trabalho é necessário alguém que acredite nele e no momento em que não sabia onde andava acreditou no trabalho e apresentou-me caminhos a seguir.

Ao Tenente Coronel Mateus pela disponibilidade e prontidão em esclarecer qualquer tipo de situação.

A todos os elementos do Quartel da Cavalaria com os quais tive o prazer debater ideias, e através dos quais pude ouvir a voz da experiência e assim perceber o funcionamento além dos livros.

Ao Tenente Lima que se mostrou interessado em ajudar contribuindo para o alargar do meu horizonte.

À D. Paula, que incansável me auxiliou na procura de revistas e livros, além daquilo que lhe era solicitado.

Ao meu pai, à Mira e ao Mauro que me ajudaram na revisão do trabalho mesmo quando tinham a sua vida preenchida de afazeres e preocupações.

Aos meus Primos Sara e Roberto que me receberam sempre de braços abertos e prontos para me auxiliar, fazendo-me ver sempre o lado positivo da vida.

Ao Capitão Fazenda que me disponibilizou material e alertou para pormenores importantes.

Ao Nosso Tenente Coronel Zagalo, que prontamente fez tudo o que estava ao seu alcance para contribuir para a elaboração do trabalho.

Aos meus camaradas do Curso de Cavalaria por todos os momentos em que me fizeram acreditar que era possível, por todas as dúvidas esclarecidas e pronta disponibilidade.

A toda a minha família que sempre acreditou em mim e compreendeu a minha ausência.

A todos aqueles que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

A todos o meu muito Obrigada!

Resumo

O presente trabalho de investigação, subordinada ao tema “O Emprego de Carros de Combate em Pequenas Unidades de Reconhecimento” visa perceber se o uso deste sistema de armas é justificável para missões de reconhecimento perante o atual ambiente operacional.

Este assunto ganha relevância quando se estudam as missões de reconhecimento no atual ambiente operacional. O local de eleição para o desenvolvimento das operações são zonas urbanas criando limitações ao tráfego de veículos de grande porte. De referir que o objetivo do reconhecimento não é combater mas sim recolher informações.

Ao longo dos tempos, há uma adaptação dos meios e das missões à tipologia do conflito.

Fazendo um cruzamento de dados, por um lado entre os pontos fortes e fracos do emprego de Carros de Combate em missões de reconhecimento, e por outro lado, as ameaças e oportunidades deste mesmo sistema de armas no atual ambiente operacional, define-se quais os pontos a relevar e aspetos a investigar. Assim, desta forma, consegue-se analisar a importância do emprego de Carros de Combate em Pequenas Unidades de Reconhecimento tendo em conta o atual ambiente operacional.

A principal conclusão é que o emprego de carros é importante dado a imprevisibilidade e a necessidade de proteção no atual ambiente operacional.

Palavras Chave: Carro de Combate, Reconhecimento, Atual Ambiente Operacional

Abstract

This investigation about “the use of tanks in small reconnaissance units” aims to understand if the use of this weapon system is justifiable for reconnaissance missions in the present operational environment.

This subject gains relevance when we study the reconnaissance missions in the present operational environment. The location of preference for the development of the operations are urban areas, creating traffic limitations to very large vehicles. Needless to say, the purpose of the reconnaissance isn't to engage combat but to gather information.

Throughout time, there is an adaptation of means and the typology of the missions in conflict.

Having carried out an analysis between the strengths and weaknesses of the utility of tank in reconnaissance missions and on the other hand, the threats and opportunities of this weapon system in the present operational environment, we are able to define which aspects are to be projected and investigated. In doing so, we ensure the analysis of the importance of tanks in small reconnaissance units, taking into account the present operational environment.

So therefore, we conclude that the utility of the vehicles is important given the unpredictability and the need to protect the present operational environment.

Key words: Tanks, Reconnaissance, Present Operational Environment

Epígrafe

“Conhece-te a ti e ao teu inimigo, e em cem batalhas que sejam, nunca correrás perigo. Quando te conheces mas desconheces o inimigo, as tuas hipóteses de ganhar são iguais. Se te desconheces e ao teu inimigo também, é certo que, em qualquer batalha, correrás perigo.”

Sun Tzu, A Arte da Guerra, publicações Europa América, 4ª edição, p.66

Índice geral

Dedicatória	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Índice geral.....	v
Índice de figuras	viii
Índice de quadros/tabelas	ix
Lista de apêndices e/ou anexos	x
Lista de abreviatura e acrónimos.....	xi
Parte I.....	1
Capítulo 1- Introdução	1
1.1. Enquadramento.....	1
1.2. Enquadramento/ contextualização de investigação	1
1.3. Importância da investigação e sua justificação da escolha.....	3
1.4. Definição dos objetivos	3
1.5. Metodologia.....	4
1.6. Enunciado da estrutura do trabalho	4
Capítulo 2 – Conceitos Teóricos.....	6
2.1. Introdução.....	6

2.2.	Carro de Combate	6
2.3.	Possibilidades do CC	7
2.4.	Limitações do CC	8
2.5.	Características do Leopard 2 A 6	8
2.6.	Missão das unidades de reconhecimento	10
2.7.	Reconhecimento	10
2.7.1.	Princípios do Reconhecimento	11
2.7.2.	Tipos de Reconhecimento	13
2.8.	Operações de Segurança	15
2.8.1.	Fundamentos	15
2.8.2.	Tipos de segurança	16
Capítulo 3 - Atual Ambiente Operacional		17
3.2.	Enquadramento	17
3.3.	Assimetria	19
3.4.	Tipos de operações	20
3.5.	Uso da força	21
3.6.	Urbanização	21
3.7.	Ambiente convencional vs ambiente atual	22
3.8.	Síntese conclusiva	23
Parte II		24
Capítulo 4 - Metodologia e Procedimentos		24
4.1.	Método de Abordagem ao problema	24
4.2.	Técnicas e procedimentos utilizados	24
4.3.	Local e data da pesquisa e recolha de dados	25
4.4.	Amostragem: composição e justificação	26

4.5.	Descrição dos procedimentos de análise e recolha de dados.....	26
Capítulo 5.....		28
5.1.	Introdução.....	28
5.2.	I Guerra Mundial.....	28
5.3.	Período entre Guerras.....	29
5.4.	II Guerra Mundial.....	31
5.5.	Da Guerra fria à atualidade.....	32
5.6.	Paradoxo do Reconhecimento.....	35
5.7.	Síntese conclusiva.....	37
Capítulo 6 - Estudos de Caso.....		39
6.1.	O Caso Português.....	39
6.2.	Meios e Organização.....	39
6.3.	Tipologia da força.....	41
6.4.	O Caso dos EUA (ACR).....	41
6.4.1.	Meios e organização.....	42
6.4.2.	Tipologia da força.....	43
6.5.	O Caso Espanhol.....	43
6.5.1.	Meios e organização.....	43
6.5.2.	Tipologia da força.....	44
Capítulo 7 - Análise e discussão de Resultados.....		45
Capítulo 8 - Conclusões.....		52
Bibliografia.....		56
APÊNDICES.....		62
ANEXOS.....		67

Índice de figuras

Figura 1: Organograma do ERec da BrigMec.....	40
Figura 2: Organograma do Esquadrão de Reconhecimento do ACR.....	42

Índice de quadros/tabelas

Tabela 1: Unidades de Reconhecimento vs Tipo de Operações de Reconhecimento	13
Tabela 2: Dimensão da força de segurança para um determinado escalão e missão	16
Tabela 4: Comparação dos Esquadrões em Estudo	46
Tabela 5: Matriz SWOT- Os CC: no Reconhecimento vs Atual Ambiente Operacional	48

Lista de apêndices e/ou anexos

APÊNDICE A- Visão e Missão das forças nacionais destacadas.....	1
APÊNDICE B- Guerra convencional vs Guerra contemporânea.....	4
ANEXO A - Ângulos mortos do CC ao nível superior.....	1
ANEXO B - Ângulos mortos do CC ao nível do solo	2
ANEXO C - Esquema elucidativo dos efeitos da globalização desde a Guerra Fria à conflitualidade atual	3
ANEXO D - Espetro da Guerra.....	4
ANEXO E - Paradoxo do Reconhecimento	5
ANEXO F- QO ERec BrigMec 2006.....	6
ANEXO G- Organograma Do Armored Cavalry Regiment Cavalry Squadron	7
ANEXO H - Composição do ACR Cavalry Troop Organization	8

Lista de abreviatura e acrónimos

II GM	Segunda Guerra Mundial
AM	Academia Militar
ACR	Armored Cavalry Regiment
AGR	Agrupamento
Brig	Brigada
BrigInt	Brigada de Intervenção
BrigMec	Brigada Mecanizada
BrigRR	Brigada de Reação Rápida
BSFB	Battlefield Surveillance Brigade (Brigada de Vigilância do Campo de Batalha)
CC	Carro de Combate
Comp	Companhia
Div	Divisão
EMF	Experimental Mechanized Force (Força Experimental Mecanizada)
EUA	Estados Unidos da América
Esq	Esquadrão
GRec	Grupo de Reconhecimento
IN	Inimigo
IPB	Intelligence Preparation of the Battlefield

Lista de abreviatura e acrónimos

PU	Pequena Unidade
QC	Questão Central
QD	Questão Derivada
RegRec	Regimento de Reconhecimento
SubAgr	SubAgrupamento
SWOT	Strength Weakness Oportunities Threats
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
UAV	Veículo Aéreo não Tripulado

Parte I
Capítulo 1
Introdução

1.1. Enquadramento

O Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) aqui apresentado, subordinado ao tema “O Emprego de Carros de Combate (CC) em Pequenas Unidades (PU) de Reconhecimento”, é parte integrante da estrutura curricular dos cursos da Academia Militar (AM).

Neste capítulo é feito um enquadramento ao tema/investigação e apresentada a justificação para a sua elaboração. Aborda-se a importância deste trabalho e definem-se os objetivos a alcançar com a sua realização. É explicada a metodologia adotada para a sua elaboração e, por fim, é feita uma síntese dos capítulos do trabalho.

1.2. Enquadramento/ contextualização de investigação

O Exército Portugal foi recentemente equipado com um sistema de armas moderno- o Carro de Combate Leopard 2A 6- não só em unidades de carros de combate como também em unidades de reconhecimento. Por outro lado, consequência da evolução da conflitualidade ao longo dos anos, assiste-se a uma evolução da doutrina de referência no que concerne a unidades de reconhecimento. Os meios que equipam os exércitos também sofreram evoluções decorrentes de necessidades sentidas e de lições aprendidas.

A sociedade evolui, os meios tecnológicos estão cada vez mais avançados, a informação no momento é uma realidade e a sociedade é o reflexo de todas as mudanças que têm vindo a decorrer. O campo de batalha, tal como se apresentava nas grandes guerras mudou, apresentando atualmente características diferentes da guerra convencional.

A origem dos CC remonta á Primeira Guerra Mundial onde o que existiam eram apenas protótipos (McGrath, 2008). Fruto da aplicação deste sistema de armas constatou-se a necessidade de adaptação deste meio em função dos objetivos pretendidos para a sua aplicação. No caso do reconhecimento gera-se o chamado “Paradoxo do Reconhecimento”, que remonta à cavalaria a cavalo que contrapõe velocidade com proteção, usando uma em detrimento da outra consoante a missão, sendo no entanto ambas importantes. Uma unidade de reconhecimento tem como missões principais o reconhecimento e a segurança, podendo ainda atuar em operações ofensivas e defensivas em economia de forças. Para a realização deste trabalho apenas se considerou o reconhecimento por se tratar de uma missão com objetivos distintos da missão de segurança (missão que pode também ser atribuída a uma unidade de reconhecimento). É no reconhecimento que a problemática do emprego de CC se enfatiza. Haveria certamente aspetos das missões de segurança a tratar, contudo como o tempo e extensão do trabalho se apresentam limitados e o cerne da problemática se encontra nas missões de reconhecimento, optou-se por não os abordar.

Além da perceção evolutiva dos carros de combate e do reconhecimento, o presente trabalho pretende dar ênfase ao estudo da atualidade e, portanto, fazer um estudo mais pormenorizado desde a II GM até aos dias de hoje.

O tema que intitula este trabalho, “O Emprego de Carros de Combate em Pequenas Unidades de Reconhecimento”, apresenta o conceito de Pequena Unidade (PU), que se considera como qualquer unidade de escalão igual ou inferior a batalhão. Para efeitos de elaboração deste trabalho considera-se PU organizações de escalão Companhia/Esquadrão. Esta delimitação foi implementada de modo a se poder fazer uma análise direcionada para o caso português onde o escalão mais alto de Reconhecimento é o esquadrão.

Portugal possui três brigadas: uma Brigada de Reação Rápida, uma Brigada de Intervenção e uma Brigada Mecanizada. É esta última que tem interesse estudar no presente trabalho, utilizando o seu Esquadrão de Reconhecimento dado ser o único a possuir carros de combate na sua organização.

Para que o trabalho tenha aplicabilidade, além de se fazer um estudo de caso de países estrangeiros, estuda-se com mais relevância o caso português. Os países estrangeiros escolhidos para se fazer uma abordagem comparativa são os Estados Unidos da América (EUA) por ser o país que nos serve como referência, um país que está constantemente em missões no estrangeiro e que inova a todo o momento. Neste caso vai-se fazer o estudo de um esquadrão do “*Armored Cavalry Regiment*”. A Espanha que por ser o nosso país vizinho e possuir meios semelhantes aos nossos e estar em processo de transformação. Os

estudos comparativos têm como objetivo perceber como estes países usam os CC saber em que escalão estão integrados e em que número.

1.3. Importância da investigação e sua justificação da escolha

Tendo em conta a conflitualidade atual, considera-se relevante estudar se o emprego de CC em unidades de reconhecimento é adequado, atendendo que a sua missão principal é recolher informação e não estreitar o contacto com o inimigo nem se empenhar decisivamente, excetuando o caso do reconhecimento em força.

Assiste-se a uma alteração da conflitualidade, a um aumento do uso da tecnologia que torna a necessidade de informação em tempo real uma exigência permanente. Torna-se importante perceber se os CC ainda têm aplicabilidade e como. Pretende-se com esta análise alertar para eventuais lacunas e contribuir para o treino adequado destas unidades. Assim sendo, torna-se importante o presente estudo uma vez que são as unidades de reconhecimento que mais necessitam de transmitir informações em tempo real e que contribuem para o sucesso das operações desde o primeiro instante.

1.4. Definição dos objetivos

O objetivo geral desta investigação consiste em saber se a utilização de carros de combate para efetuar missões de reconhecimento ainda se revela pertinente.

Com a presente investigação, pretende-se responder à seguinte Questão Central:

Tendo em consideração as características do atual ambiente operacional, é pertinente o emprego de Carros de Combate em Pequenas Unidades de Reconhecimento?

Para ser possível responder à questão central, o trabalho segue uma sequência de capítulos que contribuirão para a obtenção de respostas às questões derivadas. Estas são o fio condutor do trabalho e visam contribuir para a resposta à questão central.

Assim sendo pretende-se dar resposta às seguintes Questões Derivadas (QD):

QD 1: O que mudou no ambiente operacional e de que forma esta nova conflitualidade influencia as missões de reconhecimento?

QD 2: A que características deve obedecer uma força para desempenhar operações de reconhecimento?

QD 3: O emprego de carros de combate no reconhecimento é justificável?

QD 4: Qual a organização e constituição do Esquadrão de Reconhecimento da BrigMec?

QD 5: Qual a tipologia e constituição das unidades de Reconhecimento Terrestre de países tidos por referência, nomeadamente os EUA e Espanha?

1.5. Metodologia

O presente trabalho de investigação baseia-se em pesquisa bibliográfica em livros, publicações doutrinárias, revistas específicas do tema e artigos publicados.

É utilizado o método indutivo pois partimos de casos particulares para chegar a uma conclusão geral, conduzindo assim o nosso raciocínio.

Formulou-se uma questão central à qual se pretende dar resposta com a elaboração do trabalho, sendo este o objetivo a atingir. Levantaram-se algumas questões derivadas por forma a orientarem o pensamento e auxiliarem na resposta à questão central. Cada capítulo pretende dar resposta a pelo menos uma questão derivada com a exceção das conclusões que darão resposta à questão central. Desta forma, com a junção dos vários capítulos consegue-se elaborar as conclusões e consequentemente responder à questão central e atingindo-se o objetivo proposto.

Para análise do emprego do CC no Reconhecimento e atual ambiente operacional, usou-se uma matriz SWOT. Para análise de casos particulares fez-se um estudo dos EUA, Espanha e Portugal.

1.6. Enunciado da estrutura do trabalho

O trabalho aqui apresentado encontra-se estruturado em duas partes e oito capítulos. A primeira parte de natureza conceptual e a segunda parte de natureza prática.

À primeira parte pertence o capítulo 1 – Introdução, o capítulo 2 - Conceitos Teóricos e o Capítulo 3 - Ambiente operacional atual. Na Segunda parte do trabalho encontra-se o Capítulo 4 - Metodologia, o Capítulo 5 - Evolução do Reconhecimento,

Capítulo 6 - Estudos de Caso, Capítulo 7 - Análise e discussão dos resultados e o Capítulo 8 – Conclusões.

O primeiro capítulo é a introdução onde se enquadra e limita o tema em estudo, se justifica a escolha do mesmo e se explica a sua pertinência. Neste capítulo definem-se os objetivos, dá-se a conhecer a questão central que move este trabalho bem como as diretrizes fornecidas pelas questões derivadas.

O segundo capítulo faz um enquadramento conceptual onde define termos de elevada importância para a consecução e compreensão do trabalho, como sejam a definição de carro de combate, a perceção do que se considera reconhecimento, missão de reconhecimento e segurança.

O ambiente operacional atual é caracterizado no terceiro capítulo, tentando assim perceber quais as dificuldades para o reconhecimento.

No quarto capítulo é descrita toda a metodologia adotada para a consecução do trabalho.

O quinto capítulo debruça-se sobre a importância do reconhecimento focando a evolução que este sofreu, o porquê e de que forma isso se materializou. Neste capítulo a ênfase é feita sobre o período compreendido entre a II GM e a atualidade por forma a se conseguir identificar as características ideais de uma força de reconhecimento na atualidade.

No sexto capítulo é realizado um estudo de caso comparativo entre três países a fim de se compreender qual o conceito de emprego e organização das unidades de reconhecimento desses países.

No sétimo capítulo faz-se uma análise dos resultados obtidos dos três países, bem como se apresenta uma matriz que representa uma análise do emprego de CC a fim de se perceber quais as fraquezas, oportunidades, ameaças, pontos fortes e pontos fracos que os CC apresentam nos atuais campos de batalha.

Por último são apresentadas as conclusões onde se dá resposta à questão central e se apresentam algumas propostas e recomendações.

Capítulo 2

Conceitos teóricos

2.1. Introdução

O presente capítulo pretende dar resposta à **QD 2**: A que características deve obedecer uma força para desempenhar operações de reconhecimento?

Assim sendo, no presente capítulo define-se o sistema de armas CC apresentando ainda possibilidades e limitações do mesmo com vista a posteriormente se poder responder à questão central.

Serão abordados ainda conceitos sobre reconhecimento e segurança enquanto tipos de operações militares. Pretende-se saber quais as missões e tarefas que podem ser solicitadas às unidades de reconhecimento, por forma a conseguir perceber quais as características que estas unidades devem possuir com vista à obtenção de resultados eficientes.

2.2. Carro de Combate

Um CC é essencialmente um sistema de armas que no mesmo meio agrupa três grandes potencialidades: poder de fogo, mobilidade e proteção. Estas três valências, conjugadas, traduzem-se em poder de choque. É uma arma anti-carro e para além da sua aplicação contra viaturas, dado ser um sistema de armas, pode ser de igual forma empregue “contra casamatas, armas coletivas e suas guarnições, ou mesmo tropas a descoberto” (Exército, 2010) (Pinto, 1985) (Oliver, 2001).

Para quem opera os CC, traduz mais confiança dado as potencialidades que estes apresentam no campo de batalha. É visto como um meio de grande porte, que causa um impacto assustador no inimigo/adversário (Pinto, 1985). Contudo, tendo em conta o atual ambiente operacional, o emprego destes meios deve ser bem ponderado por forma a não causar consequências indesejadas nas populações locais.

A grande vantagem de se usar um CC reside na possibilidade de facilmente se movimentarem armas pesadas de tiro direto, capazes de atingir grandes alcances. Não podemos esquecer que por ser um sistema de armas, possui também outras armas de calibre inferior, capazes de cobrir diferentes sectores a distâncias inferiores, conseguindo-se assim um maior controlo sobre os danos e apoiar a infantaria que se encontra protegida junto dos carros (Pinto, 1985).

2.3. Possibilidades do CC

Atualmente todas estas valências ainda se encontram atuais, sendo que o emprego de CC é uma mais-valia que reúne poder de fogo, poder de choque e proteção num só elemento de combate (Henriques, 2008, p. 17).

Este sistema de armas pode ainda neutralizar ou suprimir posições IN com a peça, armas automáticas e fumos, pode romper barricadas¹ ou destruí-las, reduzir ou suprimir os pontos fortes IN, destruir alvos designados pela infantaria ou ainda bloquear ruas (MDN, 2011).

Todas estas possibilidades são de extrema importância para missões de reconhecimento. Suprimir posições inimigas permite ganhar tempo e espaço de manobra e quando conjugadas com fumos permite abandonar as posições sem ser flagelado. A destruição de barricadas permite a eliminação de um obstáculo e, para o grosso da força e a continuação da missão. A capacidade de suprimir pontos fortes do inimigo é importante para unidades de reconhecimento uma vez que estas podem ser empenhadas em missões ofensivas ou defensivas em economia de forças.

Ao se bloquearem ruas, os movimentos do inimigo ficam limitados. A possibilidade dos modernos CC poderem fazer tiro em movimento e em todas as condições de visibilidade permite ao combatente estar apto a atuar em diversas situações mais abrangentes contribuindo continuamente para o sucesso da missão.

As câmaras térmicas conferem a este sistema de armas um instrumento excelente para observação, associado ao facto de o poderem fazer de dentro do CC (protegidos pela blindagem) e de uma posição mais elevada em relação ao solo, sendo vantagens que podem ser potenciadas quando for necessário observar.

¹Obstáculo localizado em vias de comunicação, constituído por troncos de árvores, pedras, viaturas d errubadas, barricadas, etc. (Infopedia, 2012)

2.4. Limitações do CC

Os carros de combate são alvos fáceis para armas anti- carro, e se os introduzirmos numa área edificada (local de excelência para a realização de ações terroristas e combates na atualidade) mais vulneráveis se tornam, principalmente pela restrição à mobilidade que estes locais impõem. Por vezes as ruas são tão estreitas e deterioradas que fazem com que os movimentos se executem lentamente por forma a evitar danos nos trilhos e por isso expostos mais tempo em locais de risco, o que nos leva a refletir sobre qual a melhor escolha, se rodas ou lagartas.

Se pensarmos no emprego de carros de combate nas áreas urbanas, apercebemo-nos da dificuldade de manobrar a peça, arma mais poderosa do CC, dado que a sua elevação e depressão não são significativas para combate às curtas distâncias. Quando empregues sozinhos, os CC ficam vulneráveis a tropas apeadas dado o ângulo morto² provocado pela diminuta depressão da peça e reduzida elevação que condicionam a utilização da peça em ambientes urbanos, características das operações atuais (MDN, 2011). Outra limitação que este sistema de armas encontra nas áreas urbanas é a reduzida capacidade de manobra dado que, apesar de conseguir inverter a marcha com o sistema de pião, as ruas nem sempre o permitem.

Este sistema de armas necessita de um grande abastecimento de classe III, V e IX³ sendo limitações a ter em conta aquando o seu emprego, pois não é de interesse que se comprometa o cumprimento da missão por falta de combustível.

A sua projeção estratégica das forças equipadas com CC também é limitada dado o peso e dimensão deste sistema de armas (MDN, Quadro Orgânico Grupo de Carros de Combate da BrigMec, Número 24.0.03, 2009).

2.5. Características do Leopard 2 A 6

No caso Português, o Carro de Combate Leopard 2 A6 acrescentou vantagens significativas em relação ao CC M60 A3, que ganham relevância se o enquadrarmos na

² Anexo A- Ângulos mortos do CC ao nível superior e Anexo B – Ângulos mortos do cc ao nível do solo

³ Classe III- combustíveis e lubrificantes; Classe V- munições; Classe IX- sobressalentes

atual tipologia de conflitos e ameaças. O CC está equipado com o Periscópio panorâmico PERI R17-2 que permite, ao chefe de carro, observar o terreno em 360°, tanto em movimento como estacionário, podendo ainda observar em condições de visibilidade reduzida usando a câmara térmica do chefe de carro TIM. Além da câmara térmica do chefe de carro, existe outra para o apontador. Estas câmaras térmicas funcionam independentes uma da outra. Desta forma dão mais independência a cada um dos membros da guarnição, bem como permite aumentar o setor de tiro e conseqüentemente cobrir uma maior área.

O apontador possui a câmara térmica WBG para detetar alvos através de pequenas diferenças de temperaturas, o que permite a deteção de movimentos, até identificação de material transportado por esses elementos. Possui um sistema de controlo de tiro (EMES 15 – A2) com o qual consegue observar, seguir e identificar alvos mesmo em condições de fraca visibilidade e ainda medir distâncias, bem como apontar todas as armas do carro a um único alvo. No caso do sistema de controlo de tiro EMES 15 – A2 falhar, o carro não fica inoperacional. Consegue-se apontar a peça e a metralhadora independentemente através do FERRO Z18- A3, que é o sistema secundário de pontaria. Ao possuir este sistema de controlo de tiro utilizam-se de forma eficiente as munições necessitando de ser reabastecido de elementos de classe V com menor regularidade. Este fator torna-se essencial na proteção enquanto se falha proporciona-se tempo de resposta ao adversário o que pode tornar-se fatal (Hull description, Operation, Maintenance Level 1, 2001) .

De salientar que este sistema de armas possui uma câmara de condução à retaguarda que permite ao condutor conduzir para a retaguarda sem auxílio externo. Esta possibilidade torna-se de grande importância quando se empregam carros de combate em áreas urbanas, onde o espaço é diminuto. Está ainda equipado com sistema de navegação GPS que permite a determinação da posição, direção e velocidade em todo o terreno, podendo-se transmitir dados ao escalão superior com maior precisão de posicionamento, que é de relevada importância para operações de reconhecimento uma vez que as forças podem trabalhar muito distanciadas. Apresenta ainda um sistema de proteção NBQ e ventilação que permite a condução de operações em ambiente contaminado. Como veremos posteriormente, um dos objetivos do reconhecimento é fazer transmitir as notícias em tempo oportuno por forma a contribuir para o sucesso da missão e proteção das forças daí a importância desta possibilidade do carro de combate para as operações de reconhecimento (Hull description, Operation, Maintenance Level 1, 2001) .

Na concepção deste carro de combate, foram tidos em conta os ataques através de minas e armas anti carro (ameaça constante no atual ambiente operacional), sendo que a sua blindagem foi por isso reforçada à frente e criado um ângulo na blindagem frontal para fazer face a ataques com minas. A frente e as partes laterais da torre foram também reforçadas a nível da blindagem bem como em torno da escotilha do condutor. Sendo as unidades de reconhecimento as primeiras a explorar o terreno, também serão estas as que mais probabilidades têm de encontrar minas. A blindagem reforçada garante uma capacidade de sobrevivência maior, bem como prosseguir a missão e ter capacidades de transmitir acontecimentos (Hull description, Operation, Maintenance Level 1, 2001).

2.6. Missão das unidades de reconhecimento

As unidades de reconhecimento têm como missões principais o Reconhecimento e a Segurança, podendo ainda conduzir operações ofensivas e defensivas em economia de forças. Interessa portanto fazer uma clara distinção entre as duas principais missões das unidades de reconhecimento.

Uma unidade de reconhecimento com a missão de reconhecer pode efetuar um reconhecimento montado ou apeado consoante os fatores de decisão militar, sendo que efetua um reconhecimento montado se o tempo disponível for crítico e quando não forem necessárias informações detalhadas. A Unidade de reconhecimento efetua um reconhecimento apeado quando se pretende garantir a surpresa e a segurança, obter informações detalhadas e reconhecer possíveis locais de emboscada (MDN, DP N° 03-31-16, Pelotão de Reconhecimento, 2010).

2.7. Reconhecimento

Segundo o Regulamento de Campanha e Operações⁴ (2005), “o Reconhecimento é uma missão de carácter informativo, orientado para o inimigo, terreno e condições

⁴ Este trabalho usa o Regulamento de Operações de 2005 para informação detalhada sobre missões de reconhecimento dado que no PDE 3- 00 Operações, de Abril 2012, as Operações de Reconhecimento, juntamente com as de Segurança, são consideradas de transição e estas ainda não foram publicadas.

meteorológicas de uma determinada área, facilitando a tomada de decisões” (EME, 2005, p. 35) .

Toda a ação de reconhecimento está relacionada com segurança. Quando em operações de reconhecimento se obtêm informações sobre as características do terreno, movimentos de população, confirmação ou negação de uma notícia, estas são transmitidas ao comandante da força. Esta busca de informação tem como objetivo elaborar um planeamento mais eficiente, tendo sempre como desígnio final preservar as nossas forças evitando correr riscos desnecessários e contribuindo para o cumprimento da missão. Ou seja, o reconhecimento é essencial para “proteger a força e preservar o seu potencial de combate” (EME, 2005).

O reconhecimento é levado “tão longe quanto possível” (EME, 2005, pp. 12-36), sendo uma ação contínua. Apesar da maioria das unidades poderem efetuar reconhecimento, existem unidades organizadas especificamente para o realizar.

Segundo o Regulamento de Campanha Operações de 2005, uma unidade de reconhecimento para ser completamente eficaz além de necessitar de meios adequados, deve ter também liberdade de manobra e mobilidade superior à do inimigo (EME, 2005, pp. 12-36).

A finalidade das operações de reconhecimento é obter informações que permitam aos comandantes realizar os seus planos, fundamentar as suas decisões e ordens (MDN, 2010).

2.7.1. Princípios do Reconhecimento

As operações de reconhecimento possuem sete princípios que as orientam com o propósito de alcançar o sucesso das operações:

- Garantir a continuidade do reconhecimento
- Não manter unidades de reconhecimento em reserva
- Orientar-se pelo objetivo
- Relatar com rapidez e precisão todas as informações
- Manter a liberdade de manobra
- Esclarecer e manter contacto com o IN
- Esclarecer rapidamente a situação.

O princípio da continuidade do reconhecimento pretende que este seja feito antes, durante e depois da ação levada a cabo pela unidade de manobra. Antes da ação, com o fim de dar informações sobre o terreno e inimigo/ameaça por forma a contribuir para um planeamento eficaz dos comandantes. Durante a ação, visando atualizar as informações fornecidas previamente ou a informar sobre possíveis alterações no ambiente operacional. Depois da ação, desenvolvida pela unidade de manobra orientando-se pelo contacto do Inimigo/ameaça.

As unidades de reconhecimento não devem ser colocadas como unidade de reserva. Estas visam fornecer informação crítica para o comandante e quando empenhadas usam todos os meios à sua disposição, visando fornecer informação mais detalhada possível. O emprego dos meios é feito de acordo com os fatores de decisão militar (MITM-TC⁵).

O reconhecimento orienta-se pelo objetivo definido pelo comandante dado que por vezes, devido a falta de tempo ou limitações das suas capacidades ou ações desenvolvidas por forças inimigas, não consegue cumprir todas as tarefas associadas à forma de reconhecimento, contudo deve orientar-se pelo objetivo com vista a cumprir a missão.

As informações devem ser relatadas com rapidez e precisão pois uma verdade num momento pode não o ser nos minutos seguintes. Informação por vezes vista como ordinária pode revelar-se de extrema importância quando cruzada com informações dadas por outra unidade. Por outro lado, torna-se de igual importância informar acontecimentos como a ausência destes. Assim sendo a transmissão de informação criteriosa e atempada é essencial.

A liberdade de manobra termina quando se combate, deixando de efetuar uma operação de reconhecimento e passando a combater pela sobrevivência. Uma aplicação correta do apoio ativo, a utilização imediata de fogos supressivos e a capacidade de seleção de eixos de manobra são fatores auxiliares para garantir a liberdade de manobra.

O princípio de estabelecer e manter o contacto com o inimigo pretende demonstrar que com uma vigilância ativa e contínua se diminuem as hipóteses de o inimigo alcançar a surpresa. O estabelecimento do contacto não pretende um contacto pelo fogo, contrariamente, as unidades de reconhecimento não se devem empenhar decisivamente. Assim sendo, o estabelecimento do contacto deve ser através da vigilância, empregando todos os meios disponíveis.

⁵ Missão, Inimigo, Terreno; Meios, Tempo e Condições de Natureza Civil.

Apesar de se evitar o empenhamento das unidades de reconhecimento, podem surgir ações ao contacto e nestas situações deve-se esclarecer rapidamente a situação. Deve-se também iniciar uma procura por forma a detetar intervalos, flancos, posições de armas, comandantes inimigos, obstáculos entre outros aspetos que possam auxiliar o comandante na sua tomada de decisão. (EME, Regulamento de Campanha Operações, 2005)

2.7.2. Tipos de Reconhecimento

Existem quatro tipos de operações de Reconhecimento:

- Reconhecimento de itinerário;
- Reconhecimento de zona;
- Reconhecimento de área;
- Reconhecimento em força.

Consoante o tipo de reconhecimento a realizar é escolhida uma unidade para o fazer. Desta forma, o quadro seguinte mostra a quem são normalmente atribuídos os reconhecimentos devido às capacidades que cada escalão tem ao seu dispor. A partir deste mesmo quadro consegue-se verificar que uma unidade de Reconhecimento de escalão Esquadrão, como é o caso de Portugal, não consegue fazer Reconhecimento em Força.

Tabela 1: Unidades de Reconhecimento vs Tipo de Operações de Reconhecimento

	Pel Rec	Esquadrão	ECav Ar	Grupo	Reg
Reconhecimento de itinerário	x	x	x		
Reconhecimento de Zona	x	x	x	x	x
Reconhecimento de área	x	x	x	x	
Reconhecimento em Força				x	x

Fonte: (EME, Regulamento de Campanha Operações, 2005)

2.7.3. Reconhecimento “pull” versus reconhecimento “push”

Estes tipos de reconhecimento (Itinerário, área, zona) são feitos com o intuito de fornecer informações ao escalão superior, contudo estas podem ter diferentes fins. As

informações podem ser, por um lado para confirmar ou negar notícias ou modalidades de ação e por outro lado para ajudar na elaboração dessa modalidade de ação e planeamento. Desta forma surge o Reconhecimento *Push* e o Reconhecimento *Pull*, que são diferentes formas de conduzir o reconhecimento de acordo com o fim desejado pelo Escalão Superior.

No **Reconhecimento *Push*** antes de se colocarem forças no terreno é elaborado um planeamento detalhado, escolhida uma modalidade de ação por forma a direcionar o esforço do reconhecimento (Army H. D., FM 3-20.96, Reconnaissance and Cavalry Squadron, 2009).

Para elaborar esse planeamento faz-se o estudo do IPB (Intelligence Preparation of the Battlefield) e a Unidade de Reconhecimento confirma ou nega factos para que o escalão superior possa ajustar o seu planeamento. Depois de confirmados ou negados, os factos são divulgados dentro da unidade que efetua o reconhecimento e, a informação é analisada e divulgada ao escalão superior (Army H. D., 2005).

Nesta forma de reconhecimento, o comandante utiliza a informação resultante do processo do IPB “duma forma interativa mas não iterativa” (EME, Regulamento de Campanha Operações, 2005). Ou seja estas informações são utilizadas para guiar o reconhecimento e aprimorar o planeamento.

De uma forma geral, o reconhecimento *push* cumpre um planeamento pré-estabelecido pelo escalão superior para que este possa refazer ou melhorar o planeamento concebido para o grosso da força.

No **Reconhecimento *Pull*** o escalão superior não se vincula a um plano ou modalidade de ação previamente concebida antes de colocar a sua unidade de reconhecimento no terreno. Nesta forma de reconhecimento as forças focam-se na procura de pontos fortes e fracos da ameaça que contribuirão de forma fundamental para a elaboração do planeamento e formulação de modalidades de ação da Brigada (Army H. D., FM 3-20.96, Reconnaissance and Cavalry Squadron, 2009). É concedido às unidades de reconhecimento mais liberdade e mais iniciativa aos subordinados (Leonhard, 1991).

Desta forma a força de reconhecimento “puxa pelo grosso da força para os intervalos identificados” ao invés do que acontece no reconhecimento *push* que o “planeamento do grosso da força empurra a unidade de reconhecimento, em profundidade, para os eixos que o Estudo Tático da Área de Operações escolheu como mais indicados” (Freire, 1999).

2.8. Operações de Segurança

“As operações de forças de segurança são as operações determinadas por um comandante para garantir aviso oportuno e preciso sobre as operações do inimigo, por forma a garantir tempo de reação e espaço de manobra à força que está a ser protegida, e esclarecer a situação por forma a permitir que o comandante empregue eficazmente a força principal” (EME, 2005, pp. 12-5).

A finalidade destas operações é evitar a surpresa e reduzir incertezas. Não se pode falar de operações de segurança sem falar em reconhecimento dado que durante a realização de uma missão de segurança pode haver necessidade de se realizar um reconhecimento. A grande diferença entre estes dois tipos de missões é que as operações de segurança orientam-se em proveito da força pela qual atuam, enquanto as missões de reconhecimento se orientam pelo inimigo ou terreno.

2.8.1. Fundamentos

Tal como nas operações de reconhecimento as operações de segurança regem-se por alguns fundamentos por forma a maximizar as suas ações, que são:

- Alertar com oportunidade e informar com precisão a força em proveito da qual atuam;
- Garantir tempo e espaço de manobra à unidade apoiada;
- Localizar-se e manobrar em função da localização e movimentos da força em proveito da qual atuam;
- Executar movimentos contínuos;
- Estabelecer e manter o contacto com o inimigo.

Existem três tipos de segurança e três graus de segurança. Os tipos de segurança são a segurança afastada, próxima e local que são garantidas pelas medidas de segurança⁶. Os graus de segurança são atribuídos consoante a resistência que uma força de segurança

⁶ As medidas de segurança podem ser ações de informação e contra informação; ações de decepção; medidas passivas ou emprego das forças de segurança.

deve fazer face ao inimigo, podendo ser atribuída uma missão para a força cobrir, proteger ou vigiar, por ordem decrescente de resistência.

2.8.2. Tipos de segurança

Os tipos de segurança espelham o grau de segurança a conferir à força protegida, existindo por isso cinco tipos de operações de segurança: vigilância, guarda, cobertura, segurança da área da retaguarda e forças de ligação.

A execução destes tipos de segurança são atribuídas a diferentes escalões dado a sua complexidade ou área a cobrir, entre outros. Assim sendo, o quadro seguinte apresenta as missões de segurança relacionando-as com os escalões a que normalmente se atribui cada missão.

Tabela 2: Dimensão da força de segurança para um determinado escalão e missão

Escalão	MISSÃO DE SEGURANÇA			
	Vigilância	Guarda Avançada	Guarda Retaguarda/Flanco	Cobertura
Bat/Agr	Pelotão	Comp/SubAgr		
Brigada	Comp/ Esq/SubAgr	Agr	Comp/SubAgr	Agr (+)
Divisão	GRec/ Agr	GRec (+) / Brig	GRec/ Agr	GRec (+) / Brig
Corpo de exército	GRec/ Agr /Brig	RegRec	GRec (+)/ Agr	RegRec (+) / Div

Fonte: (EME,2005)

Capítulo 3

Atual Ambiente Operacional

3.1. Introdução

O atual ambiente operacional definido como o “conjunto de condições, circunstâncias e fatores que influenciam e afetam o emprego de recursos e suportam as decisões do comandante” (Headquarters, 2008) apresenta diversas características divergentes do ambiente convencional. As ameaças são outras, bem como o esforço físico e mental exigido aos militares, a evolução tecnológica alterou o modo de fazer a guerra e os motivos que levam aos conflitos são outros, assim como o ascendente papel da política que em cada conflito condiciona o modo de ação, entre outros. As operações militares ocorrem dentro de um quadro de operações e fatores ambientais que moldam a sua natureza e afetam os seus resultados (Headquarters, 2008). A sua compreensão bem como do ambiente estratégico e operacional são elementos fundamentais a ter em consideração para cada missão.

Neste capítulo serão abordados estes assuntos por forma a podermos caracterizar o ambiente operacional atual e assim dar resposta à QD 1: O que mudou no ambiente operacional e de que forma esta nova conflitualidade influencia as missões de reconhecimento?

3.2. Enquadramento

“ A guerra, ou antes a violência global, é uma constante histórica que persistirá” (Garcia, 2003).

Segundo João Vicente (2009) não é a natureza da guerra que se alterou mas sim o seu caráter, afirmando que a guerra espelha as características da sua época.

Os conflitos⁷ subsistem desde que a humanidade existe, com diferentes proporções e a escalas igualmente diferentes. Houve uma evolução ao longo dos tempos dos tipos de conflitos e da guerra.

Para o General Abel Cabral Couto (1988, p. 148) a guerra é um “ato de violência, em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, uma possibilidade potencial, visando um determinado fim político, dirigida contra as fontes de poder do adversário e desenrolando-se segundo um jogo de probabilidades e azares. Para se poder caracterizar uma guerra como tal tem que obedecer a três critérios delimitadores; tem que ser um facto violento e organizado, um facto político e um facto coletivo.

Devido a estas definições é que atualmente se questiona sobre a tipologia dos conflitos e se a guerra convencional nos abandonou (Lousada & Escorrega, 2011). Daqui deriva a importância de se fazer este estudo do ambiente operacional, visando posteriormente realizar uma análise mais correta da atualidade e do estudo em questão.

A expressão “Nova Conflitualidade” tem vindo a ser promulgado nos dias correntes. Já não se fala em guerras convencionais onde era necessário recorrer a confrontos e batalhas decisivas mas sim em termos como conflitos modernos, nova conflitualidade entre outros (Silva, Coelho, Simões, Pimpão, & Lima, 2009) (Mesquita, 2008) (Telo, 2011).

Com o fim da Guerra Fria, verifica-se também o fim da ordem bipolar, o que levou ao surgimento de novos atores e conseqüentemente novos riscos e ameaças, novos conflitos (intra-estatais, recursos étnicos, assimetrias ...) e um novo conceito de segurança (segurança ambiental, segurança humana, segurança societal ...) (Lousada & Escorrega, 2011) ⁸.

Conflitos organizados e sediados a um território tendem a desaparecer e a aumentar as «guerras do caos». Existe um desconhecimento global quanto à nova ameaça, a nova tipologia de conflito não tem território fixo, usa métodos e táticas de grande violência caracterizando-se assim a ameaça como “fluida e imprecisa”. Pode estar em qualquer lugar sob formas diversas (Telo, 2011) (Ramalho, 2007).

Desta forma encontramos diversos fatores que afetam as operações, como a globalização, a tecnologia, as mudanças demográficas a urbanização, a demanda de

⁷ “Situação de competição em que as partes estão conscientes da incompatibilidade das posições possíveis e na qual cada uma delas quer ocupar uma posição que é incompatível com a que a outra parte que ocupar” (KENNETH BOULDING apud Hermenegildo, 2010)

⁸ Anexo C- Esquema elucidativo dos efeitos da globalização desde a guerra fria à conflitualidade atual

recursos, as mudanças climáticas e os desastres naturais, a proliferação de armas de destruição maciça e o fracasso ou a falência dos Estados.

3.3. Assimetria

A atualidade caracteriza-se pela era da Informação, em que o tempo necessário para tomar decisões se apresenta muito condensado. A ameaça provém de forças que não têm uma forma específica para atuar, dispondo tanto de capacidades convencionais como não convencionais (Benson & Pitlard, 2001).

Estas forças empregam capacidades e táticas assimétricas que têm como objetivo atingir os pontos fracos do adversário expondo sempre que possível as suas vulnerabilidades (Benson & Pitlard, 2001) (Ramalho, 2007).

Os tipos de conflito com que nos deparamos na atualidade são na sua generalidade conflitos assimétricos. Os conflitos assimétricos caracterizam-se não só pela assimetria relativamente às capacidades dos intervenientes como também quanto aos interesses. Já não é a busca por uma fação de território em que a capitulação dos oponentes leva á sua conquista, mas a procura de mais poder político para uns, a luta pela liberdade para outros.

No conflito assimétrico o adversário, devido à globalização e conseqüente fácil acesso de informação, possui vastos conhecimentos, técnicas de *know how* sendo ainda possuidor dos mais avançados meios de destruição. Desta forma o conflito assimétrico caracteriza-se por atuações perspicazes, na maioria das vezes, ataques a pontos fracos, afetando a opinião da população local, uso de ações terroristas, de sabotagem e campanhas de contra informação que visam enfraquecer a vontade política e militar dos Estados envolvidos (Felix, 2003).

Os conflitos motivados por ideologias políticas cederam lugar a radicalismos culturais e religiosos (Vicente, 2009). Desta forma consegue-se perceber que os atores nestes conflitos podem ser um qualquer, organizados ou não, pertencendo a grandes ou pequenas fações, com ou sem hierarquia entre si ou forças não-governamentais.

“Estamos perante um desafio, que envolve a capacidade para encarar novas ou outras ameaças, reformular a organização dos instrumentos militares e melhorar a sua capacidade de combate” (Ramalho, 2007).

3.4. Tipos de operações

O espectro da guerra⁹ demonstra que qualquer crise que se agudize pode gerar uma guerra. Questões como os recursos naturais, questões étnicas e religiosas são as causas dos atuais conflitos. A rápida intervenção torna-se imperativa, devendo ser apropriada e eficaz de modo a evitar o agudizar da crise e assim tomar diferentes proporções com consequências indesejáveis.

Os militares devem estar preparados para enfrentar e controlar missões do tipo Petersberg¹⁰ estando preparados para missões de imposição de paz (FELIX, 2003).

Existem diversos fatores que afetam as operações, como a globalização, a tecnologia, as mudanças demográficas a urbanização, a demanda de recursos, as mudanças climáticas e os desastres naturais, a proliferação de armas, destruição maciça e o fracasso ou a falência dos Estados.

Em cada operação devem ser analisados todos os fatores, desde as características do conflito até aos meios disponíveis por forma a ser eficiente, utilizando a força mínima.

Atualmente Portugal participa com forças nacionais destacadas em quatro teatros de Operações¹¹: no Afeganistão, Kosovo, Líbano e no Uganda. Estes são exemplos dos tipos de conflitos e tipos de intervenções solicitadas aos exércitos. No Afeganistão, Portugal participa numa missão Humanitária em que no seu contingente tem um Mentor Operacional e Equipa de ligação e equipas de instrutores (ExércitoPortuguês, 2012).

No Kosovo, a KOSOVO FORCE (KFOR, é responsável por estabelecer e manter um ambiente seguro no território e assegurar a liberdade de movimento (ExércitoPortuguês, 2012).

No Líbano a força nacional destacada tem como missão realizar trabalhos de apoio à mobilidade, apoio à sobrevivência e apoio geral de engenharia (ExércitoPortuguês, 2012).

⁹ Consultar Anexo D - Espectro da Guerra

¹⁰ As “missões Petersbers” fazem parte da Política Europeia de Segurança e de Defesa (PESD) e têm tal desígnio devido à Declaração de Petersberg de 1992. Estão expressas no tratado da União Europeia (Artigo 17) e no tratado de Lisboa (artigo 42 e 43) como sendo missões nas quais a “União pode utilizar meios civis e militares, e incluem as ações conjuntas em matéria de desarmamento, as missões humanitárias e de evacuação, as missões de aconselhamento e assistência em matéria militar, as missões de prevenção de conflitos e de manutenção da paz, as missões de forças de combate para a gestão de crises, incluindo as missões de restabelecimento da paz e as operações de estabilização no termo dos conflitos. Todas estas missões podem contribuir para a luta contra o terrorismo, inclusive mediante o apoio prestado a países terceiros para combater o terrorismo no respetivo território.” (MNE, 2008)

¹¹ Consultar APÊNDICE A - Visão e Missão das Forças Nacionais Destacadas

A missão a realizar na Somália, Uganda, é a de conjuntamente com as autoridades Ugandesas, aumentar as capacidades do Campo de Treino de Bihanga, a fim de conduzir treino modular de especialidade para Praças, Sargentos e Oficiais Subalternos. (Exército Português, 2012)

3.5. Uso da força

Associado à crescente urbanização deparamo-nos com difíceis condições de vida caracterizadoras dos países em vias de desenvolvimento.

Estando sob o abrigo da lei internacional, o uso de armas de fogo é condicionado, sendo subordinado pelas Regras de Empenhamento (ROE) em cada um dos TO. Estas tomam particular importância dado que visam, juntamente com a lei internacional, proteger vidas humanas, quer sejam dos insurgentes como de outras forças que intervenham no local.

A existência destas não é suficiente se as forças não possuem equipamentos adequados que permitam limitar danos colaterais e proteger as forças (cada soldado) de forma eficaz (FELIX, 2003).

O CC é dotado de grande proteção devido a blindagem cada vez mais desenvolvida. O uso de carros de combate garante proteção imediata da força (através da blindagem) e proteção ao grosso da força devido ao grande alcance da sua peça. Por outro lado, é um veículo de combate muito robusto que quando colocado num TO pode gerar diversas reações, como medo, ou gerar o aumento do uso da força, mesmo não sendo essa a intenção.

O uso de carros de combate em operações de reconhecimento pode ser interpretado de forma errada e gerar o aumento do uso da força por parte dos beligerantes.

3.6. Urbanização

Os centros populacionais como as cidades tornaram-se o local privilegiado para o desenrolar das ações. Estas têm “aumentado em número e dimensão, fruto do êxodo rural e da explosão demográfica”. Este facto condiciona em vários aspetos a fluidez das operações. A existência de edifícios em que não se sabe o que escondem, ruínas, afluência

de movimentos e ruas estreitas condicionam a ação das forças. Associado à “crescente urbanização constatam-se difíceis condições de vida, caracterizadoras dos países em via de desenvolvimento, o desemprego crônico, o excesso de população, a distribuição desigual de recursos e a falta de serviços básicos essenciais”. Motivos que criam um “ambiente adequado para o aparecimento de focos de instabilidade e conflito” (MDN, PDE 3-00 Operações, 2012).

Se associarmos isto ao facto de o adversário ser desconhecido e à incerteza da sua forma de ação qualquer passo pode ter um desfecho menos favorável. As minas ou os explosivos improvisados (IED) podem ser colocados em qualquer sítio e serem ativados de diversas formas, o que faz com que a formação do soldado seja mais minuciosa preparando-o para qualquer tipo de operações. Estes condicionalismos abrandam o ritmo das operações, e este é decisivo (Felix, 2003).

Torna-se necessário que a análise do terreno e a recolha das informações sejam precisas nunca podendo descorar a proteção pois sem ela as informações não chegam onde são precisas e coloca-se em risco a sobrevivência das forças.

3.7. Ambiente convencional vs ambiente atual

Castro¹² apresenta uma caracterização do combate moderno assente em alguns itens: “mobilidade das forças no campo de batalha, necessidade de informações e segurança, rapidez das operações, sincronização das ações, combate continuado, frentes não lineares, utilização de armamentos e equipamentos modernos, mais leves e mais exigentes, exigência de maior liderança, iniciativa, agilidade, sincronização e capacidade de gerenciamento de informações pelos comandantes em todos os níveis, uso intensivo de guerra eletrónica e consequente limitação de emprego dos meios de comunicações” (Castro, 2004).

Vieira (2001) faz também uma análise do ambiente operacional atual, dando uma visão daquilo que era a guerra convencional.¹³

Esta caracterização do combate resulta de uma análise das características do ambiente operacional definido anteriormente.

¹² Comandante do Curso de Cavalaria da Academia Militar de Agulhas Negras em 2004.

¹³ Consultar APÊNDICE B: Guerra Convencional vs Guerra Contemporânea

3.8. Síntese conclusiva

O ambiente de operações envolve diretamente a população local logo é necessário um conhecimento pormenorizado dos seus usos e costumes, da sua religião, da sua cultura entre outros.

Sendo os aglomerados populacionais os locais privilegiados para o desenrolar de ações, as informações recolhidas têm, que ser pormenorizadas, a cautela tem que ser maior e são necessários equipamentos mais evoluídos tecnologicamente bem como soldados especializados e capazes de tomarem decisões e de avaliarem situações. As áreas urbanizadas quebram o ritmo das operações e por vezes condicionam-nas.

A evolução tecnológica é uma mais valia para as nossas forças na medida em que se conseguem poupar vidas, no entanto toda a evolução conhecida pelas nossas forças está também ao alcance dos possíveis adversários. As técnicas e modos de ação destes são imprevisíveis o que torna difícil a nossa ação tornando-se assim imperativo a aplicação de materiais adequados.

Das muitas análises que se podem fazer do atual ambiente de operações a ameaça é a questão central da problemática. A sua origem, o que a faz mover, de onde surge, como atua, como é composta, são questões que permanentemente persistem sem uma resposta concludente.

Consequências da necessidade acrescida, face ao ambiente operacional, de informações sobre a ameaça, as missões de reconhecimento demonstram a sua importância, sendo necessárias em todo o espectro do conflito. A irregularidade das ações, dos meios e a incerteza da ameaça fazem com que sejam necessárias contínuas operações de reconhecimento.

Assim sendo, e respondendo à QD1, o atual ambiente operacional caracteriza-se como imprevisível, assimétrico, irregular, de objetivos variados (políticos, religiosos, étnicos), com um adversário e ameaça desconhecidos.

Parte II
Capítulo 4
Metodologia e Procedimentos

4.1. Método de Abordagem ao problema

O presente TIA é na sua essência um trabalho de investigação. Segundo Sarmento (2008), pode-se definir investigação como o “diagnóstico das necessidades de informação e seleção das variáveis relevantes sobre as quais se irão recolher, registar e analisar informações válidas e fiáveis”. A forma como se conduz uma investigação e se obtém as informações (recolha de dados) seguem um método (ou mais) consoante o objetivo pretendido.

O método pretende ser um auxílio na condução da resposta à QC. Pode utilizar-se mais do que um método para se alcançar a resposta à QC.

No presente trabalho considera-se a pesquisa qualitativa, ou seja, considera-se que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (Reis, 2010). Procurou-se abordar fenómenos/acontecimentos por forma a tirar conclusões. Perceber como as coisas evoluem e o que as faz alterar ajuda a compreender o porquê, vantagens e desvantagens das ações e mudanças adotadas.

4.2. Técnicas e procedimentos utilizados

A recolha de dados é uma das fases do processo de pesquisa, e para esta investigação, foram utilizadas fontes primárias e fontes secundárias. Segundo Sarmento (2008), informação primária “é aquela que é pesquisada para um fim específico”, e informação secundária “é produzida por terceiros, podendo ser ou não publicada”. Nas fontes primárias enquadram-se os artigos de revista, dissertações, relatórios técnicos, e as

publicações periódicas. Nas fontes secundárias, encontramos a informação de mais fácil e rápida aquisição, uma vez que foi informação disponível para ser utilizada, sendo esta encontrada nos livros, revistas de âmbito militar e documentos publicados na Internet.

Os procedimentos adotados foram a pesquisa bibliográfica, que se baseou em livros, artigos periódicos, artigos publicados na Internet, e pesquisa documental que encontrou o seu cerne em regulamentos, publicações doutrinárias e quadros orgânicos. Inicialmente junto da biblioteca da Academia Militar procuraram-se artigos em revistas ou livros que abordassem a questão a ser abordada. Junto da Biblioteca do Instituto de Estudos Superiores Militares procuraram-se trabalhos que pudessem abordar a problemática ou parte dela. A procura de informações na internet fornece-nos dados nacionais e internacionais como publicações dos exércitos que permitem fazer comparações. A leitura da “Revista da Cavalaria” e a revista “*Armor*” também se revelaram de extrema importância por apresentarem opiniões fundamentadas em factos ajudando por vezes a pensar. Para além destas fontes procuraram-se livros que, cada um com a sua especificidade, abordassem alguma parte da problemática, bem como livros de metodologia. O contacto com quem realmente trabalha nas Unidades e se depara com os problemas foi de extrema importância, conseguindo desta forma perceber como afeta ou não a questão levantada nas unidades, e ouvir a experiência a falar. Através destas pessoas conseguiu-se ainda aceder a livros técnicos das viaturas que contêm pormenores fundamentais.

4.3. Local e data da pesquisa e recolha de dados

Para iniciar o trabalho de investigação procedeu-se a uma pesquisa exploratória que se debruçou na leitura de revistas militares como a *Military Review*, Revista da Cavalaria, *Armor*, Nação e Defesa, bem como artigos publicados na internet, artigos da FINABEL, livros e publicações doutrinárias.

Durante a terceira e quarta semana, no Quartel de Cavalaria e privando com militares que servem no ERec/BrigMec, pode-se debater ideias, ouvir opiniões cruzar pontos de vista e conseqüentemente alargar o leque de conhecimentos e a visão que se tinha do problema. Através de conversas informais recolheram-se informações que levaram a pesquisas direcionadas por forma a complementar o trabalho.

4.4. Amostragem: composição e justificação

Para se poder fazer uma abordagem e comparação mais real do problema efetuaram-se estudos de caso. Desta forma estudaram-se dois países estrangeiros e o caso Português. Estudou-se o caso do exército dos EUA e da Espanha. Mais especificamente os casos estudados são os que se referem a PU de reconhecimento equipadas com CC.

Com o estudo de cada um destes exércitos pretende-se comparar com o caso Português, por forma a perceber as vantagens e desvantagens de cada sistema e poder evoluir num caminho mais correto. A escolha destes países tão díspares tanto em relação geográfica como em dimensão dos seus exércitos pretende ver se estas diferenças influenciam ou não a sua forma de atuar. A escolha dos EUA prende-se com o facto de estes serem uma referência para Portugal uma vez que o Exército Português se baseia muito em publicações elaboradas pelo Exército dos EUA. A Espanha é o nosso único país vizinho, possui CC Leopard 2E na sua orgânica o que nos levou a estudar também.

A análise e comparação destes casos com o caso Português fornece-nos informações que através do processo indutivo nos permitem chegar a conclusões gerais.

4.5. Descrição dos procedimentos de análise e recolha de dados

Para a realização do presente trabalho de investigação aplicada o método utilizado foi o indutivo concebido pelos empiristas Bacon, Hobbes, Locke e Hume. Este método aborda casos individuais para chegar a uma conclusão geral. Parte de premissas verdadeiras com o objetivo de obter conclusões verdadeiras. No presente trabalho considerou-se como premissas a existência de carros de combate no esquadrão de reconhecimento, a missão do esquadrão de reconhecimento, a organização deste, as suas possibilidades e limitações, definiu-se o ambiente operacional e as características a que deve obedecer uma força de reconhecimento. Ao se cruzar toda esta informação e observando países diferentes tiraram-se conclusões dando resposta à questão central do trabalho.

De forma a perceber se o sistema de armas CC se adequa a uma força de reconhecimento no atual ambiente operacional realizou-se uma matriz de dupla entrada baseada no conceito da matriz SWOT. Esta matriz é usualmente utilizada em empresas com o objetivo de identificar aspetos a melhorar e a potenciar a fim de se cumprir um

objetivo. Esta matriz faz o cruzamento dos aspetos identificados como pontos fortes e fracos com ameaças e oportunidades.

No presente caso, por um lado foram identificados os pontos fortes e fracos do uso de CC no Reconhecimento, e por outro identificam-se ameaças e oportunidades do emprego dos CC no atual ambiente operacional. O objeto de comparação é o CC e o objetivo a atingir é o cumprimento da missão. Tal como nas empresas identificar pontos fortes que ao mesmo tempo sejam oportunidades para que se possam potenciar, e detetar pontos fracos a fim de se estar desperto para a situação e conseguir controla-los ou trabalhar na obtenção de soluções.

Capítulo 5

Evolução do Reconhecimento

5.1. Introdução

Este capítulo, visa dar uma percepção de como evoluiu o reconhecimento e as razões que levaram à mudança. Desta forma pretende-se dar contributos no sentido de responder às QD 1, 2 e 3 sendo **QD 1:** O que mudou no ambiente operacional e de que forma esta nova conflitualidade influencia as missões de reconhecimento? **QD 2:** A que características devem obedecer uma força para desempenhar operações de reconhecimento? **QD 3:** O emprego de carros de combate no reconhecimento é justificável?

Neste capítulo completa-se com exemplos práticos o que se estudou na teoria.

5.2. I Guerra Mundial

Em 1914 o reconhecimento era missão da cavalaria. Complementarmente a esta, a cavalaria possuía de igual modo missões vocacionadas para forças de ataque móvel. Nesta época, as forças mais velozes e com melhor capacidade para obter informações e fazê-las chegar rapidamente aos comandantes eram as forças de cavalaria, dado montarem e disporem de cavalos. Desde então, a missão de reconhecer ficou atribuída à cavalaria. Implicitamente, observa-se que as forças para fazerem reconhecimento devem ser dotadas de velocidade e de meios que permitam fazer chegar rapidamente a informação, cumprindo assim parte dos fundamentos atribuídos a estas unidades, como se referiu anteriormente.

Com o início da guerra de trincheiras (Primeira Guerra Mundial), e com o aparecimento do meio aéreo, a cavalaria, como força de reconhecimento, entra em decadência dando lugar aos aviões ou patrulhas de infantaria e passa a ser utilizada como força de infantaria montada (McGrath, 2008). Surge o meio aéreo dotado de maior velocidade e mobilidade e, associando-se estas vantagens ao tipo de guerra que se

desenrolava (guerra de trincheiras e uso da artilharia) esta vertente figura-se como a resolução a uma nova problemática.

Utilizando as forças a cavalo como infantaria montada, consegue-se que haja mais ação de choque contra a cavalaria e a infantaria do Inimigo, dando-se assim primazia a estas missões em detrimento das operações de reconhecimento e segurança (McGrath, 2008).

A cavalaria deixou de possuir missões de reconhecimento sendo que os soldados a cavalo foram utilizados mais como infantaria a cavalo, dotados de mais mobilidade, do que como força de reconhecimento (McGrath, 2008).

Para se voltar a falar de reconhecimento terrestre seria necessário extinguir a ideia de que apenas organizações equipadas com cavalos o pode fazer (McGrath, 2008).

5.3. Período entre Guerras

A missão principal da aviação deixa de ser o reconhecimento para passar a ser o bombardeamento estratégico (McGrath, 2008).

Em 1941, o reconhecimento terrestre volta, na estrutura do exército dos EUA, sob forma de unidades de cavalaria mecanizada, companhias de reconhecimento e pelotões nos regimentos e batalhões de combate (McGrath, 2008).

Apesar dos avanços tecnológicos da Primeira Guerra Mundial, o papel da cavalaria permanecia o mesmo, uma força de combate móvel e multifacetada (McGrath, 2008).

Fruto do desenvolvimento industrial, os EUA criaram, em 1927 a Força Experimental Mecanizada (EMF), com uma organização de Brigada derivada da mecanização, desenvolvimento de veículos blindados de lagartas e com rodas para uso em combate, o elemento de reconhecimento desta força estava equipada com 14 carros blindados leves e médios sobre rodas (McGrath, 2008). Dava-se então importância à mobilidade em detrimento da proteção conferida pela blindagem.

Esta força era experimental, tendo sido dissolvida para aquisição de novos equipamentos mecanizados. Em 1929 criou-se a I Divisão de Cavalaria equipada com carros blindados, tendo como missão principal o reconhecimento. Surge aqui pela primeira vez a questão sobre se os veículos de reconhecimento devem ser leves ou pesados, acabando por não se responder à questão (McGrath, 2008).

As vantagens das viaturas motorizadas era essencialmente a sua velocidade em estradas e a capacidade de longo alcance (McGrath, 2008).

Tanto Alemães como Ingleses e Franceses começam a equipar o seu exército com viaturas mecanizadas. As forças de reconhecimento possuíam um misto entre divisões e esquadrões mecanizados e veículos motorizados (McGrath, 2008).

Os franceses criaram divisões de reconhecimento leves que combinavam carros blindados com bicicletas. Uma divisão continha dois Regimentos a Cavalo e um Batalhão de carros blindados. Dadas as diferentes capacidades de mobilidade, decidiram tornar a divisão totalmente mecanizada (McGrath, 2008).

Em suma, os elementos de reconhecimento eram relativamente móveis e não estavam destinados a combater. Os veículos consistiam em carros blindados sobre rodas (McGrath, 2008).

Tanto a Alemanha como os EUA viam que as unidades de reconhecimento ganhavam informações pela velocidade e mobilidade sem serem detetados em vez de pelo combate (McGrath, 2008). Como visto no capítulo relativo ao reconhecimento, o pretendido é a obtenção de informações sem se empenhar decisivamente. Neste aspeto, os EUA conseguem-no e desde então esta ideologia manteve-se.

A generalidade dos países/exércitos colocava o reconhecimento em unidades acima de divisão, exceto os alemães que organizavam o reconhecimento em batalhões (McGrath, 2008). Não existia portando um consenso sobre o escalão que estas forças deveriam ter. Cada vez mais se questiona esta problemática dado que na doutrina convencional, onde os combates eram assentes num território fixo, frente a frente, sem grandes movimentações, como a guerra das trincheiras o demonstra, haviam números que explicavam a melhor forma de combate, como por exemplo a frente que ocupam cada unidade. Mas será que atualmente esta organização idealista que em teoria podia ser caracterizada como tática ao metro ainda se aplica? O planeamento é a primeira baixa em combate, estas referências, que se consideram isso mesmo, referências eram apenas uma ajuda para o comandante tomar decisões e planear. Será que se devem manter as mesmas? Ou devemos trabalhar na busca de novas referências?

Todas as organizações, doutrinas, táticas e conceitos teóricos desenvolvidos neste período, foram testados da Segunda Guerra Mundial (McGrath, 2008).

5.4. II Guerra Mundial

O período entre guerras veio mecanizar o reconhecimento, substituindo assim os cavalos como meio de deslocamento. Durante este período, a vertente mecanizada ou motorizada adquiriu um papel importante no reconhecimento.

A Grã-Bretanha e os EUA abandonaram os cavalos quase por completo enquanto que a Alemanha, a França e a União Soviética optaram por uma combinação destes com a vertente motorizada ou mecanizada (McGrath, 2008).

Em vésperas da Segunda Guerra Mundial (II GM), paira a opinião generalizada de que as unidades de reconhecimento precisam de ser mais leves para se poderem movimentar e transmitirem as informações em tempo oportuno sem serem detetadas (McGrath, 2008).

Com o decorrer da guerra, as teorias foram testadas e observou-se que as forças de reconhecimento leve, dotadas de grande mobilidade e velocidade, muitas das vezes não sobreviviam. Desta forma, os exércitos viram-se na obrigação de se equipar com materiais mais pesados (McGrath, 2008).

Em 1941, os EUA no FM 100-5 declarou que “ a cavalaria é capaz de combate ofensivo, exploração e busca, apreensão e assegurar terreno importante...; reconhecimento terrestre, exploração, segurança para a frente, flancos e reserva de outras forças em marcha, estáticas, em ação/batalha/combate; atrasar a ação o que inclui ações retrógradas de outras forças de combate, ligação entre unidades de grande porte, atuando como reserva para outras forças, *harasing action*, ações de surpresa contra objetivos designados em áreas em profundidade hostis”.

Aqui, o reconhecimento, é mencionado como uma tarefa mas não como a missão principal da cavalaria (S.Nance, 2006).

Neste período de guerra, o carro de combate foi universalmente adotado devido à sua velocidade, alcance e capacidade de transportar armas pesadas. Quanto ao equipamento para os elementos exploradores, este variou desde o jipe (no caso americano) e da mota equipados com metralhadoras leves (no caso inglês) até ao uso de viaturas meia-lagarta¹⁴, totalmente blindadas (McGrath, 2008). Constatase que através da blindagem ou da agilidade estas forças sempre tiveram em atenção à proteção.

¹⁴ Viatura militar com um sistema de rodagem misto, composto por rodas no eixo dianteiro e lagartas em substituição das rodas traseiras. Veículo destinado a ser uma viatura de reconhecimento e transporte de pessoal existindo ainda uma versão de veículo de combate blindado. (Área Militar, 2012)

As unidades de reconhecimento, foram equipadas com armas de ataque para apoiar os seus exploradores. Ingleses e Americanos equiparam também com carros de combate visando apoiar os seus exploradores, normalmente ao nível de esquadrão (McGrath, 2008).

No início da guerra, os alemães iniciaram com armamento leve, sendo que no final desta, os elementos de reconhecimento usavam também viaturas meia lagarta. No caso americano, estes usaram os jipes para movimentarem as suas forças de reconhecimento mas apoiadas por carros de combate leves (McGrath, 2008).

A II GM foi a primeira onde se operou com uma cavalaria mecanizada. No entanto, esta dispunha ainda de equipamento leve e dependiam das metralhadoras ligeiras o que se provou serem demasiado leves para poder sobreviver no campo de batalha, principalmente se as campanhas fossem de longa duração. Desta forma, estas unidades precisaram de ser reequipadas (McGrath, 2008).

Em 1943, a missão de reconhecimento permaneceu apenas na cavalaria mecanizada, enquanto que a cavalaria a cavalo quase desapareceu. Em 1943, a Formação Circular (Training Circular) 107, do exército Americano, especificou que as unidades de cavalaria mecanizada “ são organizadas, equipadas e treinadas para executar missões de reconhecimento de infiltração, empregando a tática, fogo e manobra. Eles estão envolvidos apenas na medida necessária para realizar as missões atribuídas. Além disso, as unidades de cavalaria mecanizada foram treinadas para “empregar táticas de infiltração em vez de combater para obter informações”. Um grupo consistia em 2 esquadrões não eram orgânicos, permitindo a rápida separação para outras unidades ou missões, incluindo missões independentes. Cada esquadrão, composto por 3 pelotões de reconhecimento, uma companhia de carros de combate ligeiros e uma companhia de assalto (S.Nance, 2006).

Desenvolveram-se unidades de reconhecimento combinadas, ficando com veículos ligeiros (como jipes) mas combinando-os com viaturas meia lagarta, carros de combate ligeiros e pesados, canhões autopropulsados com o objetivo de obter uma organização que permitisse agilidade e sobrevivência (McGrath, 2008).

5.5. Da Guerra fria à atualidade

A Guerra Fria foi um período conflituoso entre os Estados Unidos e aliados e a União Soviética. Esta guerra marca uma época, é um período de mudança e de desenvolvimento.

Na guerra do Vietname (1959-1975), forças de cavalaria pesada eram compostas por pelotões de CC e exploradores, equipados com CC M48 e M60 e viaturas blindadas M113 para a exploração. Surge o conceito *Hunter/killer*, que coloca os carros de combate e os exploradores a trabalharem juntos ao nível pelotão. Este conceito tem como objetivo assegurar que os CC conseguiram apoiar oportunamente os exploradores, permitindo desta forma, que estes não se empenhem decisivamente e que realizem o trabalho para o qual foram destacados (obter informações/reconhecer). A grande vantagem deste conceito, adotado até aos dias de hoje por muitos exércitos, é a tomada de decisões descentralizada (Nottand & Poppie, 2002).

Surge ainda uma outra técnica de emprego das forças de reconhecimento, sendo que esta, está mais vocacionada para missões de segurança, a força de reação rápida. Esta técnica organiza a força de reconhecimento em pelotões puros, em CC e em exploração. Desta forma, consegue-se concentrar a potência de fogo dos carros de combate bem como o poder de choque, permitindo mais liberdade de manobra aos pelotões de exploração. Nesta técnica os CC funcionam como uma força de combate potente e flexível que apoia o pelotão de exploradores (Nottand & Poppie, 2002).

A cavalaria do ar, continua a ser uma unidade importante especialmente porque além de serem capazes de reconhecer áreas, obstáculos naturais como rios, desfiladeiros ou vales, conseguem ir onde o reconhecimento terrestre não alcança, ou seja os espaços mortos destes (Nottand & Poppie, 2002).

Durante a 2ª GM, a generalidade dos Exércitos organizava as suas unidades de reconhecimento ao nível do escalão batalhão, sendo que apenas os EUA implantou unidades de reconhecimento ao nível divisão (McGrath, 2008).

Tanto os ingleses como os franceses, equipavam o seu reconhecimento com CC ligeiros e veículos de rodas para transporte de pessoal (McGrath, 2008).

Os soviéticos, fruto de experiência, defendem que o reconhecimento deve ser feito para obter informações sem combater. Afirmam ainda, que uma unidade de reconhecimento não deve ser utilizada como força de manobra (McGrath, 2008). Fruto da experiência vivida nos períodos de guerra conclui-se que, estreitando o contacto, não se consegue obter a surpresa.

As forças de reconhecimento, sofreram grandes perdas devido ao combate aéreo a que foram sujeitas e ao seu equipamento. Eram uma força levemente equipada mas furtiva, o que não foi suficiente. Consequências deste feito, adquiriram as suas unidades de reconhecimento com CC e veículos blindados.

Consequências da experiência da 2ª Guerra Mundial, os EUA tornaram as unidades de reconhecimento cada vez mais pesadas, substituindo os veículos de blindagem leve por outros com mais proteção (McGrath, 2008).

Com unidades de reconhecimento mais pesadas, os comandantes viram estas unidades como um elemento adicional de manobra, utilizaram-na na Tempestade do Deserto e no Iraque em 2003 (McGrath, 2008). Volta-se a colocar unidades de reconhecimento na manobra, deixando a exclusividade da missão de reconhecimento. Ao longo dos anos, estes acontecimentos verificam-se, mas o seu resultado fica duvidoso pois não foi esse o propósito dos treinos e do emprego de tal força.

A utilização de helicópteros de reconhecimento era uma mais-valia, mas apenas quando conjugada com os meios terrestres. Principalmente no tempo a seguir ao Vietname, os Comandantes viam nas unidades de reconhecimento terrestre uma força dotada de poder de fogo ao invés de uma força de reconhecimento (McGrath, 2008).

Atualmente, e tendo em consideração o atual ambiente operacional, há uma abordagem multidimensional para reconhecimento e esta expande as formas tradicionais de reconhecimento. As tropas devem interagir com a população local em toda a área de operações. Devem compreender as dimensões humanas do ambiente (político, religioso, ético, criminal), dado que são essenciais para uma ação decisiva eficaz ao longo do espectro do conflito (Benson & Pitlard, 2001).

Os exploradores, recolhem e analisam informações através do contacto com os líderes comunitários e a população local. Têm de ter a capacidade de obter informação multidimensional durante a realização das tradicionais missões de reconhecimento de zona, área e itinerário e auxiliar no combate e /ou derrotar ameaças assimétricas (Benson & Pitlard, 2001).

A utilização de CC nos TO prende-se com o facto de estes possuírem capacidades para combater e lutar por informações. Estas unidades, por se encontrarem na frente, devem possuir capacidade de sobreviver, empenhar-se e destruir ou impedir as ameaças de interferir nas ações das nossas forças. O emprego conjunto de CC, helicópteros e veículos de combate, pretende aumentar a sobrevivência e sucesso da missão. Apesar do combate não ser o propósito das unidades de reconhecimento estas podem precisar de lutar por informações (R.Belonous, 2002).

Atualmente, existem três fatores que influenciam as operações de reconhecimento: o ambiente onde os exploradores vão operar; o impacto da evolução tecnológica e a natureza das forças ou ameaças. Como visto no capítulo que aborda o atual campo de

batalha, os conflitos a que temos assistido são considerados conflitos de baixa intensidade, em que existe uma ameaça que provém de forças de guerrilha ou terroristas, na generalidade de baixa escala, contudo vive-se na incerteza. As capacidades tecnológicas estão muito avançadas, o que leva ao trabalho em pequenos grupos descentralizados, sendo que existe uma maior capacidade de comando e controlo e de comunicação entre eles. O tempo urge e é um bem escasso (R.Belonous, 2002).

Após o marco Guerra Fria, denota-se uma conceção diferente de reconhecimento, há uma evolução dos meios ISR (*Information Surveillance Reconnaissance*) que apoiam o reconhecimento e de UAV que são bons para confirmar relatos iniciais. Contudo, deve ter-se em consideração a sua vulnerabilidade, dos meios ISR que auxiliam na vigilância terrestre permitindo assim que os exploradores se foquem no mais importante (R.Belonous, 2002).

O contacto com a população torna-se cada vez mais fundamental. Deve-se considerar o aspeto multidimensional dos conflitos, a área de operações já não é apenas plana, existe o vetor aéreo, existem terrenos subterrâneos, edifícios das mais variadas espécies (R.Belonous, 2002).

5.6. Paradoxo do Reconhecimento

O dito paradoxo do reconhecimento não é um conceito atual, desde que existe reconhecimento que o paradoxo permanece sem resposta adequada.

Desde os tempos em que o reconhecimento se realizava a cavalo por forma a transmitir informação oportuna e no menor dispêndio de tempo possível e oportuna que os fatores velocidade e proteção entraram em conflito.

Por um lado, era necessária proteção para garantir a sobrevivência dos homens e consequentemente da informação. Por outro lado, a proteção limitava a mobilidade e velocidade com que a informação chegava. No entanto, a proteção pode ser conferida através de dois fatores, pela blindagem ou pela velocidade e flexibilidade. Se tiver blindagem, consegue-se aguentar mais tempo debaixo de fogo no entanto, se a força for dotada de agilidade e velocidade consegue-se esquivar desses ataques e sobreviver.

A organização e equipamento da cavalaria tem sido alvo de “discussão”. Identifica-se uma falha no reconhecimento, um veículo de reconhecimento dedicado ao reconhecimento terrestre tanto serve para forças ligeiras como pesadas. É difícil pensar em

desenvolver um veículo de reconhecimento puro sem termos em consideração a segurança das operações. As unidades de cavalaria consagram-se mistas de modo a potencializar as suas valências e minimizar os seus pontos fracos. Daí existirem morteiros no ERec. O dueto pesado *versus* leve persiste sendo difícil de conceber uma viatura que consagre todos os critérios.¹⁵

Tal como chegamos à conclusão no capítulo 2: - as unidades de reconhecimento necessitam de ser ágeis e de proteção, dois conceitos que não são fáceis de combinar. Qual dos dois o mais importante, também é uma questão sem resposta pois se o objetivo é conseguir transmitir as informações atempadamente há a necessidade da agilidade. Por outro lado, para uma força ser ágil não pode ser muito pesada, e para ter ao seu dispor proteção, conseqüentemente vai-se tornar numa força pesada.

Com o decorrer do tempo, os conhecimentos tecnológicos expandem-se e há uma evolução do armamento, mais letal, mas mais pesado na sua generalidade. Visando combater este há um reforço na proteção das forças de reconhecimento, contudo tornou-as obsoletas e conseqüentemente mais vulneráveis a ataques In.

Surge a mecanização, e as forças de reconhecimento são equipadas com veículos blindados, dotados de uma proteção maior e capazes de se movimentarem rapidamente.

Consequências de lições apreendidas, as unidades ora aumentaram ora diminuíram a proteção conferida pela blindagem das viaturas das suas forças.

Nos presentes dias o paradigma mantém-se atual, sendo que a grande preocupação se prende com o lança foguetes RPG 7¹⁶, minas e explosivos, tal como referido no capítulo alusivo às características circundantes ambiente operacional atual, encontrando-se ainda em estudos a melhor forma de lhes fazer face ou sobreviver no caso de um rebentamento. Para além do paradoxo do reconhecimento propriamente dito, ligeiros *vs* pesado, blindagem *vs* proteção *vs* velocidade, acrescem preocupações que tornam este paradigma numa situação ainda mais instável. Atualmente as minas são uma das ameaças utilizadas com mais frequências nos teatros de operações estando a desenvolver-se viaturas que sejam capazes de lhes fazer face, nomeadamente através do desenvolvimento de novas blindagens ou de viaturas com novas configurações. Estas viaturas são consideradas como viaturas anti minas, deixando o conceito de viatura tática aquém do pretendido (P & C.Gomes, 2007).

¹⁵ Consultar Anexo E - Paradoxo do Reconhecimento

¹⁶ Lança granadas/foguetes, arma anti- carro de transporte individual capaz de fazer face a blindagens reativas consoante a granada que disparar. (Defense Update, 2006)

A procura por uma organização perfeita não termina. Atualmente, opta-se pela organização de unidades mistas, com equipamentos diferentes e cada um com a sua função mais ou menos específica. A adoção de meios aéreos não tripulados, com o fim de apoiarem o reconhecimento dadas as capacidades de transmissão em tempo real e a questão da diminuição do risco, é considerado uma grande evolução. Contudo, estes equipamentos não são suficientes para fazer o reconhecimento, apenas são um apoio, um complemento que permite que as outras unidades de reconhecimento elaborem o seu trabalho sem se preocuparem com fatores secundários.

Para além do aparecimento de novos equipamentos, a solução ideal ainda não surgiu. Várias questões se levantam, umas sobre o equipamento de que deve dispor uma unidade de reconhecimento, outras sobre o escalão que estas devem assumir ou até se devem ser equipadas por viaturas de rodas ou de lagartas. Questões levantadas sem respostas conclusivas, onde o “depende” surge muitas vezes como a melhor resposta. Depende da unidade a apoiar, depende das tarefas, depende da situação económica e da capacidade em adquirir novos equipamentos. E mesmo quando especificados certos parâmetros o “depende” continua dada a incerteza que se faz sentir na conflitualidade atual, tal como referido anteriormente.

5.7. Síntese conclusiva

Respondendo às questões, pelo menos pela parte abordada neste capítulo, verificam-se que as mudanças no ambiente operacional influenciam diretamente o reconhecimento. Este tem que ser mais pormenorizado, há efetivamente uma relação a ter com a população, há uma avaliação do impacto das forças no terreno que é necessário ser feita há informação a ser transmitida em tempo oportuno. Este último item não é uma novidade mas, atualmente, a margem de tempo de manobra é menor, e tal como visto no capítulo 3 a incerteza é a única certeza da conflitualidade com que nos deparamos.

Respondendo à QD 2, uma força de reconhecimento deve possuir poder de fogo suficiente para se desempenhar, deve ser rápida o suficiente para transmitir informações em tempo real e permitir a continuidade das ações. Deve ser dotado de blindagem que lhe confira proteção imediata, principalmente quando é necessário empregar os CC em áreas edificadas. A nível humano, deve possuir militares capazes de decidir, homens bem treinados e dotados de equipamento que lhes garanta proteção e no entanto que lhes

permita recolher dados. Deve haver, também um equilíbrio e uma escolha adequada consoante o TO. O bem estar dos homens é fundamental, não só no reconhecimento como em outras operações. Contudo, as forças de reconhecimento são as primeiras a se depararem com a realidade.

O emprego de carros de combate no reconhecimento tem a sua razão de ser, dado o poder de fogo que este sistema de armas transporta. “Face à linha difusa que separa as operações que não a guerra convencional, em que uma unidade pode conduzir num momento operações humanitárias e no seguinte poderá conquistar um objetivo ocupado pelos insurgentes, o carro de combate ainda detém um papel significativo. Em primeiro lugar como dissuasor de eventuais ataques. Depois como proteção das tropas empenhadas em operações ditas de combate. E finalmente, como meio flexível que ainda hoje continua a ser. Pelo menos nas situações em que a força necessária e que mesmo em operações consideradas ao nível político – estratégico como operações de apoio à paz, podem implicar ainda ao nível tático o emprego da força armada em todas as suas possibilidades” (Henriques, 2008). Contudo, nem sempre é bem utilizado, os comandantes esquecem-se que estes fazem parte de uma força de reconhecimento e usam-no como força de combate, deixando de lado a máxima do reconhecimento que diz que nenhuma força se deve empenhar decisivamente.

Capítulo 6

Estudos de Caso

6.1. O Caso Português

Em Portugal existem três Esquadrões de Reconhecimento, cada um pertencente a uma Brigada, Brigada de Intervenção (BrigInt), Brigada de Reação Rápida (BRR) e Brigada Mecanizada (BrigMec).

Cada um destes esquadrões está equipado com meios de acordo com a brigada em que está inserido. Assim a Brigada de Intervenção equipa o seu ERec com viaturas Pandur, a BrigMec equipa o seu esquadrão com CC e viaturas da família M113 e o ERec da BrigInt está equipado com viatura M11 Panhard.

Para este trabalho apenas interessa estudar o caso do ERec da BrigMec, por ser o que possui carros de combate na sua organização.

6.2. Meios e Organização

Segundo o Quadro Orgânico do ERec da BrigMec de 2006¹⁷, o ERec estava organizado da seguinte forma: um comando, uma secção de comando, uma secção de Vigilância do Campo de Batalha, uma Secção de Manutenção, uma Secção de Reabastecimento, uma Secção Sanitária, três Pelotões de Reconhecimento e um Pelotão de Morteiros Pesados. Cada pelotão de reconhecimento possuía um comando, uma secção de exploração, uma secção de Carros de Combate¹⁸ e uma Secção de Atiradores, e cada Pelotão de Morteiros era composto por um comando e quatro secções de Morteiros.

Em 2009 os QO foram revistos e o ERec passa a possuir um pelotão de transmissões e uma Secção Mini UAV, tal como se pode verificar no organograma apresentado a seguir.

¹⁷ Consultar ANEXO F: Organograma do ERec da BrigMec 2006

¹⁸ CC M60A3 TTS

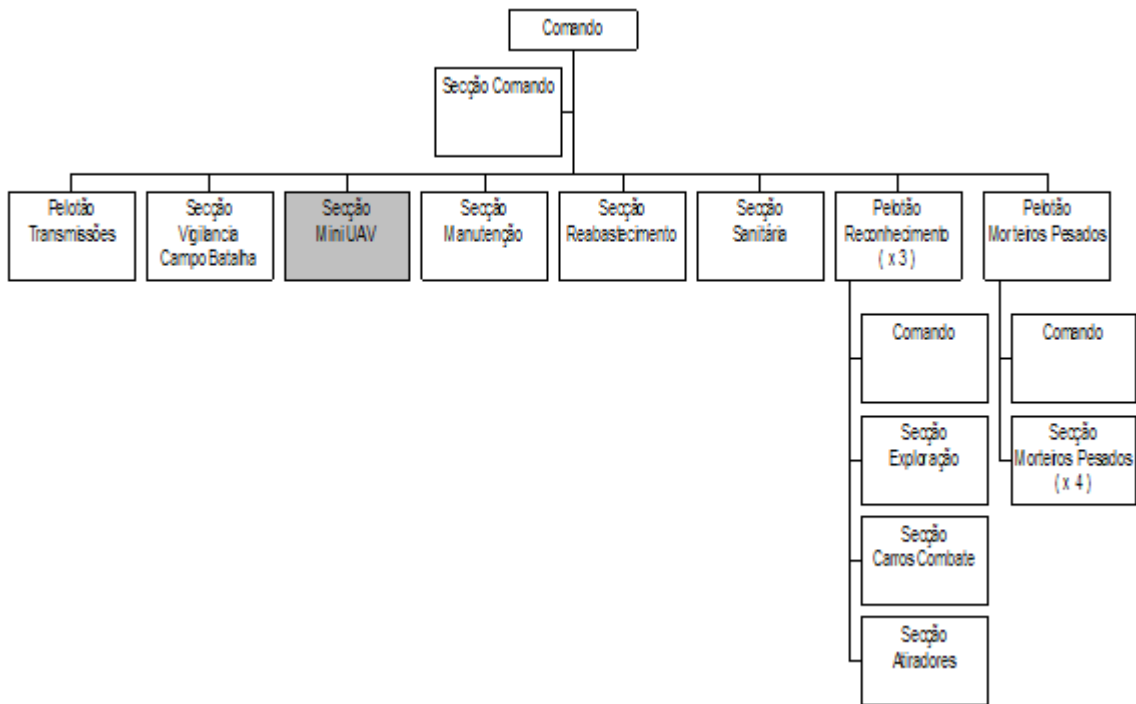


Figura 1: Organograma do ERec da BrigMec

Fonte: (Quadro Orgânico do Esquadrão de Reconhecimento BrigMec, Numero 24.0.05, 2009)

Existe também alterações ao nível do equipamento sendo que a mais significativa é a alteração do sistema de armas, passando do CC M60 para o CC Leopard 2A 6. Este sistema de armas, como referido no capítulo 2, veio trazer valências que o CC M60 não possuía como visão 360 com câmara térmica, sistema de controlo de tiro que permite bater mais do que um setor de tiro ao mesmo tempo. Para além destas valências a sua silhueta é mais reduzida e faz com que a deteção seja mais difícil. Possui um sistema de proteção NBQ que, cada vez mais se torna importante. Um pormenor do CC Leopard que Portugal adquiriu é que estes foram “equipados com um sistema de comunicações português, que tem como principal elemento o seu Emissor Receptor 525. “ (Machado, 2010, p. 39) Assim sendo, “ficam com uma capacidade de comunicações HF (High Frequency), o que não é frequente noutros países. “Decorrente deste processo “português” vai ser aplicado nos carros de comando (Grupo, Esquadrão, Pelotão) um sistema tipo “lap top” que vai permitir instalar software de navegação, posicionamento e outros “detalhes” para funcionar com o sistema de informação de comando e controlo do Exército” (Machado, 2010, p. 39).

6.3. Tipologia da força

O ERec da BrigMec é um sistema de manobra e caracteriza-se por empregar a sua força em missões de reconhecimento, segurança e terá possibilidade de realizar operações em economia de força. Logo este Esquadrão vai de encontro ao que foi definido no capítulo 2 quando foi referido o que se pretende de uma unidade de reconhecimento. Esta unidade é capaz de estabelecer o contacto com o inimigo (designado atualmente como adversário) e empenhar-se decisivamente, ou não, de acordo com a sua missão visando esclarecer a situação e garantir tempo de reação e segurança ao comandante (MDN, Quadro Orgânico do Esquadrão de Reconhecimento BrigMec, Numero 24.0.05, 2009).

O Esquadrão de Reconhecimento da BrigMec é uma força capaz de atuar em todo o tipo de cenários, contudo é mais vantajoso quando empregue em situações em que o poder de fogo, poder de choque e a proteção sejam determinantes para o sucesso da missão. Os meios que esta unidade possui, ou seja viaturas blindadas que conferem proteção, CC que dão apoio de fogo direto e morteiros pesados que apoiam pelo fogo indiretamente são os mais favoráveis a empregar nas situações acima referidas.

“Os carros de combate devem ser empregados no escalão de ataque (força de manobra), a não ser que o terreno ou outros obstáculos o impeçam. Quando não sejam assim empregados, devem ser utilizados na base de fogos. Os carros de combate podem constituir a testa do ataque contra o fogo de armas” (MDN, DP N° 03- 00-13, Esquadrão de Reconhecimento, 2010).

6.4. O Caso dos EUA (ACR)

Nos EUA, a nível de unidades de reconhecimento estes possuem a *Heavy Brigade Combat Team Reconnaissance Squadron* (HBCT), que é um grupo de reconhecimento da brigada pesada deste país; têm a *Infantry Brigade Combat Team Reconnaissance Squadron*; a *Stryker Brigade Combat Team Reconnaissance Squadron*, o *BFSB (Battlefield Surveillance Brigade) Reconnaissance Squadron* e o *ACR Cavalry Squadron*, que será alvo de estudo neste capítulo.

O Esquadrão de Cavalaria do ACR que contém dentro de si mesmo uma organização de armas combinadas que normalmente apoia um corpo de exército ou uma força conjunta. O Esquadrão de Cavalaria funciona normalmente como parte do ACR

podendo atuar independentemente por curtos períodos de tempo ou como parte de forças conjuntas ou outra unidade. Desde que o ACR possui um esquadrão de cavalaria do ar que o esquadrão de cavalaria é especialmente adepto de parceria terra - ar na realização de missões de reconhecimento e segurança na sua área de operações. (Army H. D., FM 3-20.96, Reconnaissance and Cavalry Squadron, 2010, pp. 1-5).

6.4.1. Meios e organização

O Grupo de Reconhecimento do regimento de cavalaria possui 3 ERec um esquadrão mecanizado, uma bateria de artilharia e um esquadrão de comando.¹⁹

Cada Esquadrão de Reconhecimento possui dois PelRec, dois Pel mecanizados, uma secção de morteiros pesados e uma seção de manutenção.

Como se pode constatar, no ANEXO G- COMPOSIÇÃO DO ACR CAVALRY TROOP ORGANIZATION, cada pelotão de reconhecimento é composto apenas por viaturas bradley, denominadas como Cavalry Fighting Vehicle. Possui 6 viaturas deste tipo, cada um com 6 elementos. Este esquadrão possui dois pelotões puros em CC, equipados com o CC M1A1/2 (Abrams).

Como se pode constatar, este esquadrão organiza-se em pelotões puros e esquadrão de armas combinadas quanto ao tipo de viatura que equipa cada sub-unidade.²⁰

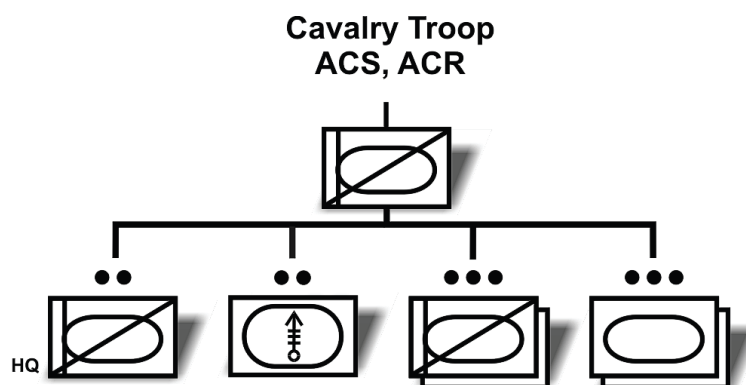


Figura 2: Organograma do Esquadrão de Reconhecimento do ACR
 Fonte: (Army H. D., FM 3-20.96, Reconnaissance and Cavalry Squadron, 2009)

¹⁹ Consultar ANEXO G - Organograma do Armored Cavalry Regiment Cavalry Squadron

²⁰ Consultar ANEXO H- Composição do ACR Cavalry Troop Organization

6.4.2. Tipologia da força

Os cinco tipos de unidades de reconhecimento de cavalaria foram concebidos e equipados de forma a permitir uma organização leve, móvel, flexível e vocacionados para missões de reconhecimento. O ACR em estudo não se enquadra completamente nesta tipologia de força dado que como na sua orgânica contém pelotões de CC, este esquadrão apresenta-se com maior proteção e sobrevivência tanto em operações de segurança como operações ofensivas e defensivas (Army H. D., FM 3-20.971, Recon & Cav Troop, 2009, pp. 1-7) .

Este esquadrão de reconhecimento tem capacidade para efetuar reconhecimento de zona, área, itinerário e reconhecimento em força. Este é empregue quando se pretende combater por informações contra todos os tipos de elementos inimigos podendo conduzir operações ofensivas, defensivas e ainda operações de segurança de grande exigência (Army H. D., FM 3-20.96, Reconnaissance and Cavalry Squadron, 2010, pp. 1-1).

Este esquadrão é projetado especificamente para realizar operações e combate próximo, como para derrotar ou destruir forças inimigas.

6.5. O Caso Espanhol

A Espanha, na sua estrutura está dividida em várias forças. Importa para o presente trabalho estudar a componente terrestre. Na sua estrutura, e contemplado como uma unidade de forças pesadas deparamo-nos com uma unidade de reconhecimento, o Regimento de Caballeria de Reconocimiento “FARNESIO”¹² que, à semelhança das outras unidades das forças pesadas, tem como objetivo principal preparar-se para se constituir como unidade operacional (Ejército di Tierra, 2012).

6.5.1. Meios e organização

Desde janeiro de 2010 que se adota uma nova organização, onde desaparece o escalão grupo mantendo-se apenas o escalão esquadrão, passando estes a responder diretamente perante o Comandante do Regimento (Rgto Ligero Acorazado de Caballeria Farnesio nº 12, 2011).

O Regimento é composto por um esquadrão de comando, um comando geral do pessoal, uma unidade de pessoal e serviços, e três esquadrões de reconhecimento. Estes esquadrões possuem vários veículos dos quais se destacam os carros de combate Leopard 2E, os veículos de exploração de cavalaria (VEC) e os novos veículos de exploração e reconhecimento terrestre (VERT). (Ejército de Tierra, 2012) Cada pelotão dispõe de 3 CC e 4 viaturas de exploração. Cada esquadrão possui ainda um pelotão de vigilância (Defensa, 2012).

6.5.2. Tipologia da força

Esta unidade tem como objetivo trabalhar para as Brigadas Mecanizadas (BRIMZ X, BRIMZ XI, BRIAC XII).

Esta unidade, dada a sua composição e organização, é adequada para realizar operações de reconhecimento, segurança e entrar em contacto. À semelhança da ideologia para a conceção de uma força de reconhecimento, esta unidade caracteriza-se pela sua velocidade, mobilidade, flexibilidade e fluidez (Ejército de Tierra, 2012).

Capítulo 7

Análise e discussão de Resultados

Nos três exércitos analisados encontramos organizações e equipamentos diferentes. Nos EUA, o ACR não está vinculado a uma brigada ou unidade como em Portugal, o ACR pode atuar para qualquer unidade, sendo o tipo de operação que o determina. Em Espanha, verifica-se que o Esquadrão está disponível para atuar em qualquer uma das brigadas. Em Portugal o caso é um pouco diferente, para além do escalão máximo de reconhecimento em todo o Exército ser o Esquadrão, para cada brigada existe um Esquadrão de Reconhecimento encarregue de obter as informações em tempo oportuno, bem como realizar todas as tarefas a estes relacionadas, para a sua brigada. Cada Esquadrão está equipado de acordo com o tipo de brigada onde está inserido e as missões a que esta pode ser sujeita.

No caso da Brigada Mecanizada, esta tem que estar preparada para atuar em todo o espectro do conflito, o mesmo acontece ao seu esquadrão de reconhecimento. Este deve estar dotado de meios que lhe permitam cumprir as missões atribuídas. Esta é uma Brigada pesada, logo os seus meios também têm o mesmo cariz (pesado). Quando se analisa o caso dos EUA, estes exercem o mesmo método que Portugal, possui organizações de reconhecimento para cada brigada, desde logo equipadas com meios adequados à tipologia de missão que lhe será atribuída, contudo possui ainda um regimento de reconhecimento que não está vinculado a nenhuma brigada, e que pode ser utilizado independente ou em conjunto com outras forças, o ACR. Espanha funciona de forma um pouco diferente, um só esquadrão de reconhecimento possui meios diversos que perante cada missão o comandante empenha ou não.

Tabela 3: Comparação dos Esquadrões em Estudo

	Portugal	EUA	ESPAÑA
Posição do CC na orgânica	Integrado em pelotão de armas combinadas	Integrado em Pelotões puros	Integrado em Pelotões de armas combinadas
Nº CC	6	8	9
Nº veículos reconhecimento	22 (4SecVCB + 12 Sec Exploração + 3Sec atiradores)	12	12 VEC + seção de vigilância com 7 viaturas
Escalão da unidade de Morteiros	Pelotão	Seção	Não tem

Se analisarmos a tabela verificamos que Espanha é quem mais possui CC no reconhecimento e Portugal quem menos contém. Quando se analisa o número de viaturas de reconhecimento, é Portugal quem detém o maior número de viaturas. O mesmo se passa quando verificamos as unidades de morteiros, o ERec da BrigMec possui um pelotão de morteiros, enquanto que no caso dos EUA existe apenas uma seção. Estes valores podem justificar-se se se considerar que à exceção de Portugal, tanto o esquadrão espanhol como o esquadrão do ACR fazem parte de uma organização de escalão superior a esquadrão. Assim sendo podem ser auxiliados com os meios destes, contudo, quando empregue sozinho, pode-se considerar que, quanto ao número de meios, Portugal é quem mais capacidade tem de obtenção de informação, resultado da variedade de meios que possui. Tal como se verificou no capítulo 3, no atual ambiente operacional é necessário homens no terreno e equipamentos que consigam facilmente movimentar-se em áreas edificadas, sem nunca descorar o facto da proteção blindada a fim de proteger das incertas ameaças caracterizadoras do atual ambiente operacional. Assim sendo, e visto que a função dos CC é dar apoio de fogo, a essência do reconhecimento está nas outras viaturas e elementos, não que os elementos da guarnição dos CC não possam também obter informações preciosas, principalmente pela possibilidade de observação noturna conferida por equipamentos de visão noturna e câmaras térmicas, mas esta não será a sua tarefa principal. A tarefa de reconhecimento propriamente dita será atribuída a equipas de exploração e de atiradores. Desta forma podemos verificar que Portugal se aproxima organicamente desta conceção. Assim sendo o Esquadrão possui mais capacidade de reação podendo atuar nas mais variadas situações.

Outro fator a analisar é o facto de que em Portugal os pelotões são de armas combinadas enquanto que nos EUA se atua com pelotões puros. Esta questão já foi referida

no capítulo 5 “Evolução do Reconhecimento”, em que se afirma que desde a guerra fria até à atualidade a tendência segue duas abordagens organizacionais. Uma com pelotões de armas combinadas (cada pelotão com CC e exploração) e outra com pelotões puros (Pelotões de CC e Pelotões de Exploração). Saber qual será a melhor forma de organização prender-se-á com o cenário a fazer face, bem como dos meios disponíveis, não havendo portanto uma organização ideal. de referir que qualquer abordagem pode transformar-se na outra, dependendo apenas da ordem do Comandante.

No caso dos EUA a tomada de decisões está um escalão acima do caso nacional, o comando e controlo dos fogos dos CC passa a ser do Cmdt Esquadrão, à semelhança do que acontece com os fogos de Morteiros. Desta forma consegue-se fazer uma coordenação mais eficaz do fogo. Não esquecendo o facto de tanto o Exército Espanhol como o dos EUA terem as suas unidades de reconhecimento com escalões superiores a Esquadrão.

As missões das unidades de reconhecimento, sejam elas quais forem, têm sempre o mesmo objetivo: obtenção de informações precisas e oportunas. Para tal, e como podemos constatar no capítulo Evolução do Reconhecimento, os meios adequam-se ao terreno e ambiente operacional. Há uma evolução natural dos meios, no entanto atualmente a incerteza é uma constante, logo é necessário ter em conta diversos fatores referidos no Capítulo 3 Ambiente Operacional Atual.

No quadro seguinte faz-se uma comparação entre o emprego de CC no Reconhecimento e o atual ambiente operacional, constatando pontos fortes e fracos que os CC apresentam no Reconhecimento, e por outro lado Ameaças e Oportunidades que estes encontram no Atual Ambiente Operacional. Faz-se o cruzamento dos dados e obtêm-se fatores a potenciar, aspetos a ter em atenção e itens a evitar ou solucionar.

		Ambiente Interno	
		S (<i>Strengths</i>) Pontos Fortes	W (<i>Weaknesses</i>) Pontos Fracos
Ambiente externo	O (<i>Opportunities</i>) Oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> - Fumos - Bloqueio de ruas - Tiro em movimento em todas as condições de visibilidade - Câmaras térmicas - Proteção blindada - Proteção de agilidade - Abastecimento Classe III, V. - Inoperacionalidade em tempos de chuva 	<ul style="list-style-type: none"> - Fumos - Bloqueio de ruas - Câmaras térmicas - Tiro em movimento em todas as condições de visibilidade - Proteção blindada
	T (<i>Threats</i>) Ameaças	<ul style="list-style-type: none"> - Suprimir pontos fortes do inimigo - Ângulos mortos - Projeção estratégia - Demonstração de força - Manobra em áreas edificadas - Alvos fáceis para armas anti-carro 	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstração de força - Suprimir pontos fortes do inimigo

Tabela 4: Matriz SWOT- Os CC: no Reconhecimento vs Atual Ambiente Operacional

Pontos Fortes e Oportunidades

A valência dos potes de fumos que os CC possuem são importantes em qualquer situação, fazendo-se ressaltar no atual ambiente operacional dado que se tem como limitação a mobilidade dado as operações se desenrolarem em áreas urbanas onde o tempo e espaço de manobra é muito curto. Os CC, dada a sua dimensão deparam-se com dificuldades em efetuar manobras ao longo destes locais logo, se a sua retirada, for camuflada consegue-se evitar baixas desnecessárias, tanto em militares como em civis. Assim sendo é um ponto forte que o CC de combate possui e que se apresenta como uma oportunidade quando empenhado no atual ambiente operacional.

Dadas as suas dimensões o CC consegue facilmente bloquear ruas, que são o local de passagem da força opositora. Sem ser necessário o recurso da luta armada consegue-se barrar a passagem de uma força e desta forma contribuir para o seu controlo.

As câmaras térmicas são um fator muito vantajoso que equipa os CC, cada vez mais evoluídos e capazes de apresentar mais definição nas imagens transmitidas. Este fator ganha relevância atualmente dado que nos deparamos com a presença de civis nos campos de batalha. Ressalta importância o uso deste equipamento nos CC empregues no reconhecimento pois, tal como referido no capítulo 2, este pretende recolher informações precisas sobre a ameaça e o campo de batalha (convencionalmente denominado por terreno e inimigo). Esta capacidade permite que se faça tiro em todas as direções em qualquer tipo de condição climatérica.

A proteção conferida pela blindagem deste sistema de armas é essencialmente para garantir a sobrevivência da guarnição no campo de batalha devendo aproveitá-la da melhor forma. Contudo deve-se procurar desenvolver novas blindagens mais capazes e mais leves. Num campo de batalha em que num minuto tudo corre com normalidade e no segundo seguinte há o rebentamento de uma mina, a proteção imediata da força é a que mais efeito tem, neste caso seria o CC e o equipamento que os militares poderiam ter vestido. Volta-se a reforçar a ideia de que a sobrevivência é essencial nas operações de reconhecimento uma vez que o objetivo é a transmissão de informação sem se empenhar decisivamente ao invés do combate por informações. Este último é de evitar dado o número de baixas que causa, principalmente nos atuais campos de batalha, não só pela presença de não combatentes como também porque se tem que respeitar as ROE.

Ponto Fortes e Ameaças

Tal como referido nos capítulos anteriores, o CC é um sistema de armas dotado de grande poder de fogo conseguindo atingir grandes alcances em tiro direto. Sendo essa a função dos CC no reconhecimento (fornecer poder de fogo à unidade pela qual atua e garantir tempo e espaço de manobra ao escalão superior) esta valência pode e deve ser potenciada na atual conflitualidade onde o futuro é incerto e devemos garantir a possibilidade de reação em todo o espectro das operações por forma a dar continuidade à missão e informar o Escalão Superior do sucedido. Se uma força de reconhecimento não for capaz de se auto-proteger e transmitir as informações em tempo oportuno põe em causa todo o restante desenrolar das operações. Assim sendo, deve-se procurar saber empregar o poder de fogo conferido por este sistema de armas de modo a proteger a nossa força mas tendo em atenção os danos colaterais causados em civis. O que faz com que o poder de fogo, que é um ponto forte dos CC bem como a possibilidade de se efetuar tiro em todas as direções e em movimento, se constitui uma ameaça nos atuais campos de batalha dado atualmente o desenrolar dos conflitos se efetuar nas áreas urbanas (curtas distâncias) e se estar na presença de civis.

Por ser um equipamento de grande porte, robusto e possuidor de várias armas, o CC apresenta-se como um bom elemento para a demonstração da força, daí ser um ponto forte. Estas ações de demonstração de força servem para demonstrar as forças opositoras o potencial de combate dessa força. A demonstração de força visa intimidar o adversário e evitar o combate contudo, os CC nos atuais campos de batalha podem assumir hostilidade de mais, podendo provocar o efeito contrário. Esta hostilidade demonstrada pelo CC pode levar a que os insurgentes, ao invés de perderem a vontade de combater, desenvolvam equipamentos mais potentes (capazes) e mortíferos a fim de conseguir a destruição dos primeiros. Daí que a hostilidade transmitida pelo aspeto dos CC seja um ponto forte que se pode constituir uma ameaça se não se tiver cuidado aquando do seu emprego.

Pontos fracos e oportunidades

Os CC têm grandes consumos de combustível, o que faz com que este fator se apresente como limitação a ter em consideração pelo Comandante por forma a evitar o reabastecimento ou a encontrar modos de se efetuarem reabastecimentos. Outra limitação apresentada por este sistema de armas é a capacidade de transporte de munições. Ambas as situações que se designam por pontos fracos constituem-se como uma oportunidade no atual ambiente operacional dado que as ações não são de grandes alcances (o suficiente

para não serem reabastecidos) e o número de munições utilizadas é reduzido, e por vezes nulo. Isto acontece devido às características do atual ambiente operacional, apresentadas no capítulo 3.

Apesar das áreas edificadas condicionarem os movimentos dos CC, estes perdem a proteção que se alcança através da velocidade e flexibilidade para a proteção conferida pela blindagem.

Pontos fracos e ameaça

As áreas edificadas, local de excelência para o desenrolar das ações nos atuais campos de batalha não só são um ponto fraco (limitação para o movimento de CC) como também se constata como uma ameaça dado que estes sentem dificuldades em manobrar nestes locais. Não só as manobras se tornam difíceis como também os ângulos mortos se tornam fatores a ter especial atenção. Se não forem tropas apeadas a garantir a proteção imediata ao CC, este fica muito vulnerável. É mais importante do que conferir essa proteção, esses elementos apeados devem preocupar-se na recolha de informações e na sua própria segurança.

Há uma grande desvantagem do uso de CC que se prende com a sua projeção para os locais de conflito. Este sistema de armas é muito pesado, volumoso e conseqüentemente a sua projeção é dispendiosa e complicada.

O combate a três dimensões conferido pelas áreas urbanas é uma ameaça ao reconhecimento e ao uso de CC, contudo não nos podemos esquecer que nestas situações a missão dos CC é garantir apoio de fogo e não reconhecer.

Capítulo 8

Conclusões

Realizado o estudo proposto, é essencial efetuar umas conclusões a fim de se perceber a resultado a que se chegou. O presente capítulo responde às questões derivadas que ao longo dos capítulos contribuíram para a sua formulação e por fim responde-se à questão central. Fazem-se umas propostas de investigação e apresentam-se algumas limitações que foram sentidas.

Respondendo à QD 1: “O que mudou no ambiente operacional e de que forma esta nova conflitualidade influencia as missões de reconhecimento?”, o ambiente operacional caracteriza-se pela imprevisibilidade, assimetria, de objetivos variados (políticos, religiosos, étnicos, etc) com adversários e ameaça desconhecidos, pela urbanização e pela crescente evolução tecnológica. A imprevisibilidade faz aumentar a necessidade de se efetuarem mais reconhecimentos, por forma a se recolherem informações, a assimetria, caracterizada por atuações perspicazes, a maioria das vezes ataques a pontos fracos afetam a opinião da população local, ações terroristas e de sabotagem com o propósito de atingir as fações envolvidas tirando-lhes a vontade política e militar de combater. Os motivos que levam estas forças a entrar em conflitos são variados, desde razões religiosas até questões políticas afetando por isso grupos da população local, e influenciando a mesma. Podemos reparar através destas motivações uma das grandes razões para o desenrolar dos conflitos ser nas zonas urbanas, a imprevisibilidade que podem impor ao combate bem como os efeitos colaterais e apoiantes que podem proporcionar ao realizar ações nestes meios. Estes locais são bons para se esconderem, e como não usam uma farda ou traje definido e reconhecido por todos os seus elementos são desconhecidos bem como os meios que usam ou podem usar. A evolução tecnológica é uma mais-valia para as tropas uma vez que para além de conforto proporciona maior proteção e sistemas de aquisição de alvos, visualização em ambientes de visibilidade reduzida que é essencial para qualquer força, principalmente de reconhecimento, contudo esta evolução existe mas os adversários, face à globalização, também podem ter acesso a esta e portanto nada está garantido. Novamente se realça a importância de se efetuarem reconhecimentos com equipamentos apropriados.

A **QD 2** pretendia a obtenção de uma resposta para: “A que características devem obedecer uma força para desempenhar operações de reconhecimento?” assim sendo, pode dizer-se que uma força para efetuar reconhecimentos deve ser dotada de equipamentos de aquisição de alvos, deve ter poder de fogo e proteção para o caso dos reconhecimentos em força e operações em economia de forças. Deve possuir poder de fogo suficiente para se desempenhar, deve ser rápida o suficiente para transmitir informações em tempo real e permitir a continuidade das ações. Deve ser dotada de blindagem que lhe confira proteção imediata, principalmente quando é necessário empregar os CC em áreas edificadas. A nível humano, deve possuir militares capazes de decidir, militares bem treinados e dotados de equipamento que lhes garanta proteção e no entanto que lhes permita recolher dados, deve haver um equilíbrio e uma escolha adequada consoante o TO. O bem-estar dos militares é fundamental, não só no reconhecimento como em outras operações. Contudo, as forças de reconhecimento são as primeiras a se depararem com a realidade logo devem ser dotadas de equipamento que lhes permita reagir a qualquer imprevisibilidade.

Quando a **QD 3** pergunta se é justificável o emprego de CC no Reconhecimento, a resposta é sim. O grande problema do uso dos CC é o seu mau emprego, quando lhes são bem atribuídas as suas tarefas, o seu emprego é fundamental, não só como elemento de apoio de fogo imediato, como também de aquisição de alvos. Não nos podemos esquecer que sem estes o reconhecimento em força não se poderia realizar, nem operações em economia de forças.

Para realizar operações de reconhecimento as unidades podem ser agrupadas de várias formas. Os EUA, além de um grupo de Reconhecimento orgânico de cada brigada possui um ACR capaz de atuar em todo o espectro do conflito, sendo dotado de meios pesados e capazes de agir perante a imprevisibilidade. O Caso Espanhol, demonstra que em apenas uma unidade, mas de escalão superior a esquadrão, se podem concentrar os meios para o reconhecimento e servir qualquer brigada, já Portugal segue o exemplo dos EUA mas sem um regimento paralelo capaz de apoiar cada Brigada. Contudo, e apesar de estes países se organizarem de diversas formas têm em comum o uso de CC nos seus Esquadrões, que por tempos se pensou em extinguir mas que face a necessidades do ambiente operacional se necessitou novamente. Não se pode deixar para trás o facto de apenas a aparência deste sistema de armas ser suficiente para em determinados casos despoletar o desinteresse de combater do adversário e noutros incentivar ao combate.

Além do uso do CC ser um ponto em comum destes países tem-se a forma como o usam, não como principal meio de reconhecimento mas como principal meio de apoio de fogo.

As QD 4 e QD 5 pretendem que se saiba a organização e constituição do ERec da BrigMec de Portugal e das unidades de reconhecimento de países tidos por referência, que neste caso se estudou os EUA e a Espanha.

Assim sendo pode-se verificar que o uso de CC é transversal às três unidades de reconhecimento, a forma como os utilizam é igualmente idêntica em todos, usam-nos como meio de apoio de fogo, e não como elemento principal de reconhecimento. Os EUA possuem Esquadrões do ACR, podem atuar em proveito de qualquer uma Brigada, não obstante o facto de esta possuir as suas próprias unidades de reconhecimento. Esta situação pode ser fruto não só da necessidade mas também da dimensão do país e possibilidades que este tem para investir na área militar. Os Espanhóis, organizam-se de forma diferente um regimento de reconhecimento terrestre que apoia qualquer uma das brigadas. Portugal, á semelhança dos EUA mas numa escala mais reduzida possui Esquadrões de Reconhecimento orgânicos das Brigadas. Contudo pode-se verificar que se trabalha com pelotões de armas combinadas, por um lado têm-se elementos especializados na exploração por outro, elementos dotados de capacidades de apoio de fogo. O nível a que cada um está varia, e isso faz com que se tenha maior ou menor controlo sobre as tropas. Consoante a missão o Comandante pode organizar a unidade como quiser, mas o treino específico para cada situação é importante, por isso convêm trabalhar sob a forma de como vão ser empregues no terreno.

Assim sendo vemos respondida a questão central ***Tendo em consideração as características do atual ambiente operacional, é pertinente o emprego de Carros de Combate em Pequenas Unidades de Reconhecimento?*** a resposta é sim. O emprego de CC é importante no atual ambiente operacional dada a incerteza caraterizadora do atual ambiente operacional, e em que num momento se podem estar a efetuar operações humanitárias e no instante a seguir a lutar pela conquista de um objetivo. Os CC conferem poder de fogo, de choque e proteção essenciais em qual quer combate, e mesmo não sendo os atuais conflitos caraterizados por confrontos de armamento pesado, a estrutura e hostilidade apresentada pela plataforma CC, quando bem aplicada pode evitar o desenvolver de ações. Contudo não é simples trabalhar neste ambiente, devendo por isso haver uma grande coordenação do Comandante da força e esclarecimento quanto às tarefas a aplicar a cada subunidade.

Propostas e Recomendações

Com a elaboração do presente trabalho verifica-se que países diferentes se organizam de forma diferente. Seria de todo pertinente efetuar-se um estudo por forma a perceber se Portugal necessita ou não de um Grupo de Reconhecimento. A necessitar, quais as suas características, leve, pesado, médio. Seria de todo o interesse realizar um estudo de forma a saber se deveríamos manter a estrutura atual em Esquadrões a servir brigadas ou se à semelhança de Espanha deveríamos ter uma unidade de Reconhecimento pronta a atuar numa qualquer brigada.

Dado que, como se verificou ao longo da História um dos problemas era a má utilização deste equipamento em unidades de reconhecimento, propõe-se a elaboração de uma Publicação Doutrinária referente ao uso dos CC no Reconhecimento dando destaque ao seu emprego no atual ambiente operacional.

Bibliografia

- Hull description, Operation, Maintenance Level 1*. (2001).
- Exército. (2010). Obtido em 06 de Março de 2012, de Tiro com Armas de Cavalaria:
<http://www.exercito.pt/formacao/Paginas/355.aspx>
- Rgto Ligero Acorazado de Caballeria Farnesio nº 12*. (2011). Obtido em Junho de 2012, de Melilla: Cuando fuimos soldados: <http://alcantara.forogratias.es/rgto-ligero-acorazado-de-caballeria-farnesio-n-12-t503.html>
- Área Militar. (2012). *Área Militar*. Obtido em Junho de 2012, de <http://www.areamilitar.net/DIRECTORIO/TER.aspx?nn=379>
- Army, H. D. (2005). *FMI 3-20.96, Heavy Brigade Combat Team Reconnaissance Squadron*.
- Army, H. D. (2009). *FM 3-20.96, Reconnaissance and Cavalry Squadron*.
- Army, H. D. (4 de Agosto de 2009). FM 3-20.971, Recon & Cav Troop.
- Army, H. D. (Março de 2010). FM 3-20.96, Reconnaissance and Cavalry Squadron.
- Benson, C. K., & Pitlard, L. (Março-Abril de 2001). Armor, Cavalry, and Transformation: "New" Cavalry for the Interim Force. *ARMOR*, 8-11.
- Castro, M. C. (2004). *O Combate e o Reconhecimento*. Obtido em 6 de Março de 2012, de Universidade Federal de Juiz de Fora:
<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/Cavalaria.pdf>
- Couto, A. C. (1988). *Elementos de Estratégia*.
- Defensa, M. (2012). *RCR Farnesio 12*. Obtido de http://intra.mdef.es/portal/intradef/Ministerio_de_Defensa/Ejercito_de_Tierra_-_UCO/UCO/UCO:64
- Defense Update. (Julho de 2006). *Defense Update*. Obtido de International Online Defense Magazine: <http://defense-update.com/products/r/rpg.htm>
- Ejército de Tierra. (2012). *Ejército de Tierra*. Obtido em Junho de 2012, de <http://www.ejercito.mde.es/estructura/index.html>

- Ejército di Tierra. (2012). *Regimiento de Caballería de Reconocimiento "FARNESIO Nº12*. Obtido em Junho de 2012, de Ejército de Tierra: <http://www.ejercito.mde.es/unidades/Valladolid/farnesio12/Organizacion/index.html>
- EME, E. M. (2005). Regulamento de Campanha Operações. In *Cap IV, Operações de Segurança* (pp. 12-5). Exército Português.
- EME, E. M. (2005). Regulamento de Campanha OPERAÇÕES. In *Parte IV Actividades e tarefas comuns* (pp. Cap. 12, pp.36-39). Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2012). *Exército*. Obtido em Maio de 2012, de Exército: <http://www.exercito.pt/missoes/Paginas/default.aspx>
- Felix, J. (17 de Setembro de 2003). *To develop a common finabel vision of the operations environment in the 2020 timeframe, outlining in particular the general future framework of military commitments and its impact on the action of the land forces*. Bruxelas.
- Freire, J. M. (Outubro de 1999). Introdução à Guerra da Manobra. *Separata - Atoleiros*, p. 7.
- Garcia, F. P. (10 de Outubro de 2003). *Tipologias de Guerra*. Obtido em Fevereiro de 2012, de Jornal de Defesa: http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=242
- Headquarters, D. o. (2008). *FM 3-0 Operations*.
- Henriques, J. (Março de 2008). As viaturas blindadas de rodas no Exército Português versus carros de combate. *Revista da Cavalaria*.
- Infopedia. (2012). *Infopedia, Enciclopédia e Dicionários Porto Editora*. Obtido em Junho de 2012, de <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/barricadas>
- Infopédia. (Junho de 2012). *Porto Editora*. Obtido de <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/casamata>
- KENNETH BOULDING, a. R. (Maio de 2010). Sessão 12 - Poder e Conflito, Slides de Teoria das Relações Internacionais.
- kolowalski, M. (2009). Novas Guerras, Novos Actores. As Empresas Militares Privadas. In *Nação e Defesa, Nº 124, 4ª Série* (p. 264).
- Leonhard, R. R. (1991). *The Art of Maneuver - Warfare Theoty and airland Battle*. Copyright.
- Lousada, T. C., & Escorrega, M. L. (23 de Outubro de 2011). *Da Importância do Instrumento Militar na Actual Tipologia de Conflitos*. Obtido em Fevereiro de

- 2012, de Revista Militar:
<http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=609>
- Machado, M. S. (Março de 2010). LEOPARD 2A 6 NO EXÉRCITO PORTUGUÊS. *Jornal do Exército*, p. 39.
- McGrath, J. J. (2008). *Scouts Out! The Development or Reconnaissance Units in Modern Armies*.
- MDN, M. d. (Fevereiro de 2006). Quadro Orgânico do Esquadrão de Reconhecimento da BrigMec, Número 24.0.05.
- MDN, M. d. (29 de Junho de 2009). Quadro Orgânico do Esquadrão de Reconhecimento BrigMec, Numero 24.0.05.
- MDN, M. d. (29 de Junho de 2009). Quadro Orgânico Grupo de Carros de Combate da BrigMec, Número 24.0.03. Exército Português.
- MDN, M. d. (2010). *DP N° 03- 00-13, Esquadrão de Reconhecimento*. Julho.
- MDN, M. d. (2010). *DP N° 03-31-16, Pelotão de Reconhecimento*. Janeiro: Exército Português.
- MDN, M. d. (2011). *PDE 3-07-14, Manual de Combate em Áreas Edificadas*. Outubro: Exército Português.
- MDN, M. d. (Abril de 2012). PDE 3-00 Operações. pp. 1-3.
- Mesquita, A. A. (2008). *Universidade Federal de Juiz de Fora*. Obtido em 5 de 02 de 2012, de O Combate Urbano - Como organizar as unidades de combate da Brigada Blindada, para o investimento a uma localidade, baseado no estudo das campanhas em Beirute (1982), Grozny(1994) e Bagdá (2003) : <http://www.ecsbrdefesa.com.br/defesa/fts/CombateUrbano.pdf>
- MNE, M. d. (2008). *Tratado de Lisboa*. Fev.
- Nottand, F. L., & Poppie, F. L. (Setembro- Outubro de 2002). The Cavalry Team: Scout - Tank Integration. *ARMOR*, 36-31.
- Oliver, M. I. (Julho- Agosto de 2001). *Forças Mecanizadas na Guerra Irregular*. Obtido de Military Review.
- Pinto, B. (1985). *Os carros de combate. Olhando para o futuro*. Lisboa: Separata da Revista Militar.
- R.Belonous, S. F. (Março- Abril de 2002). The Evolution os Reconnaissance in the 21st Century. *ARMOR*.

- Ramalho, T. G. (26 de Outubro de 2007). *O Conflito Assimétrico e o Desafio da Resposta - Uma Reflexão*. Obtido em 2 de Fevereiro de 2012, de Revista Militar: <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=223>
- Reis, F. L. (2010). *Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado Segundo Bolonha*. Lisboa: PACTOR.
- S.Nance, C. W. (Janeiro- Fevereiro de 2006). The Armored Reconnaissance Squadron and the Mechanized Cavalry Group. *ARMOR*.
- Sarmento, M. (2008). *Guia prático sobre a metodologia científica para a elaboração, escrita e apresentação de teses de doutoramento, dissertação de mestrado e trabalhos de investigação aplicada (2nd ed.)*. Lisboa: Universidade lusitana Editora.
- Silva, C. F., Coelho, C., Simões, C., Pimpão, C., & Lima, C. (07 de Julho de 2009). *Revista de Artilharia*. Obtido em 28 de Fevereiro de 2012, de http://www.revista-artilharia.net/index.php?option=com_content&task=view&id=86&Itemid=33
- Telo, A. J. (2011). Multipolar ou Apolar? Um desconcertante mundo novo. *Relações Internacionais*, 005-023.
- Vicent, J. (2009). *Mutações na Arte da Guerra e o uso da força nas Relações Internacionais*. Obtido em Março de 2012, de RCAAP: <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/1064>
- Vieira, R. (07 de Novembro de 2001). *Os desafios actuais às informações militares*. Obtido de Jornal de Defesa: www.jornaldefesa.com.pt

APÊNDICES

APÊNDICE A- Visão e Missão das forças nacionais destacadas

Afeganistão

O CN / FND ISAF, através das suas capacidades:

- a. Ensina, treina e assessora uma Unidade do ANA, com vista ao seu emprego operacional;
- b. Treina, ensina e mentoriza uma Unidade de Guarnição do ANA de forma a contribuir para o seu desenvolvimento como Unidade competente, profissional e auto-suficiente;
- c. Ministra instrução básica e complementar, forma formadores, mentoriza e assessora a realização de ações de formação em Centros de Formação do ANA;
- d. Garante a gestão e controlo dos materiais, equipamentos e munições à sua disposição no TO do Afeganistão;
- e. Garante a sustentação e proteção da força própria;
- f. Apoia outros militares nacionais em missão no TO do Afeganistão, quando necessário.

Kosovo

A KOSOVO FORCE (KFOR), Força Multinacional liderada pela NATO, é responsável por estabelecer e manter um ambiente seguro no território e assegurar a liberdade de movimentos, entre outras tarefas. Iniciou a sua missão em 12 de Junho de 1999, cumprindo um mandato da Organização das Nações Unidas (ONU), que teve por base a Resolução 1244 do seu Conselho de Segurança. A KFOR atualmente tem um efetivo aproximado de 6200 militares, depende do Joint Force Command (JFC) NÁPOLES e tem o seu Comando sediado em PRISTINA, capital do KOSOVO.

Líbano

A UNENG11/FND/UNIFIL realiza trabalhos de apoio à mobilidade, apoio à

sobrevivência e apoio geral de engenharia em proveito da UNIFIL em toda a Área de Operações (AO), de JAN12 a JUL12; Apoia as Forças Armadas libanesas de acordo com as diretivas do Comandante da Força. Presta ajuda Humanitária à população local e apoia as Organizações Internacionais e Organizações Não Governamentais, de acordo com os seus meios e capacidades

Uganda

Enquadramento

A 26 de Maio de 2009, o Conselho de Segurança das Nações Unidas adotou a resolução 1872, sobre a situação na Somália, em que reforça a importância de retomar os planos de treino e de reequipamento, salientando a importância dos estados membros das Nações Unidas em disponibilizar assistência técnica na formação de forças de segurança da Somália.

Num quadro de instabilidade e de violência e urgindo a necessidade de viabilizar a consolidação de um processo de restabelecimento de um ambiente de segurança e desenvolvimento, no caminho da paz e estabilidade na Somália, o Conselho de Segurança da União Europeia, através da decisão 2010/96/CFSP de 15 de Fevereiro de 2010, em estreita cooperação e coordenação com a União Africana, aprovou o estabelecimento de uma missão para contribuir para o treino das forças de segurança da Somália com a designação EU Training Mission (EUTM) Somália, no Uganda.

Neste contexto e após parecer favorável do Conselho Superior de Defesa Nacional (CSDN), Portugal, como estado- membro da União Europeia e participante activo nos compromissos assumidos por esta, decidiu participar nesta missão com elementos do Exército, nomeadamente uma equipa de Instrutores de Combate em Áreas Edificadas (FIBUA) em Bihanga e elementos na Estrutura de Comando da Força: um oficial como Comandante do Campo de Treino de Bihanga e um Sargento como Adjunto, um Oficial na Célula de Planeamento em Bruxelas e um Oficial de Informações no Comando da Força em Kampala.

Missão

EUTM Somália, conjuntamente com as autoridades Ugandesas, aumenta as capacidades do Campo de Treino de Bihanga, a fim de conduzir treino modular de especialidade para Praças, Sargentos e Oficiais Subalternos, até ao escalão pelotão, num total de 2000 instruendos Somalis, divididos por dois períodos de 6 meses, conforme acordado com Ugandans/AMISOM/AU, em complemento dos programas de treino já existentes, de forma a contribuir para o reforço das capacidades das Forças de Segurança Somali.

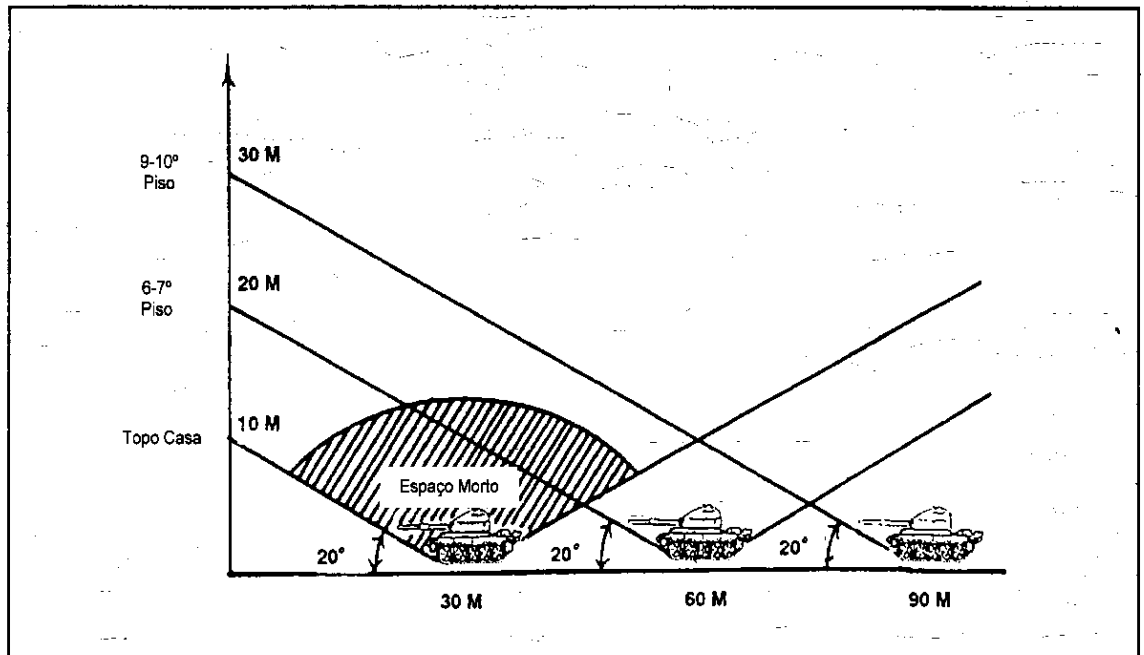
Apêndice B: Guerra Convencional vs Guerra Contemporânea

Guerra convencional	Guerra atual
Estado Nação vs Estado Nação	Estado Nação vs Entidade Não Estatal
Alianças Internacionais	Alianças, coligações, organizações
Hostilidade entre forças militares	Hostilidade entre militares vs irregulares; Terrorista/criminoso transnacionais vs política
Ações militares e policiais independentes	Ação independente de todos os recursos de uma nação ou organização
Vitória = fim da campanha decisiva = Derrota da força militar adversária	Vitória = derrota política do adversário = Fim das opções / vontade

APÊNDICE B- Guerra convencional vs Guerra contemporânea

ANEXOS

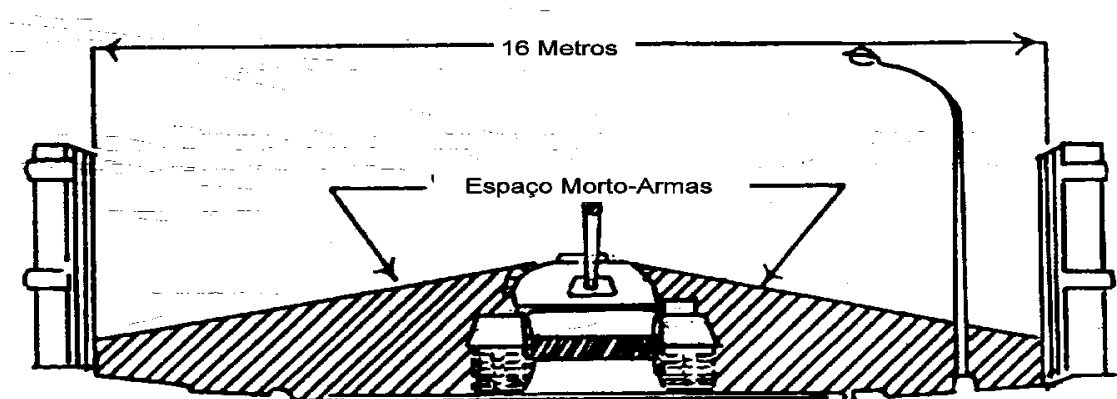
ANEXO A – Ângulos mortos do CC ao nível superior



ANEXO A - Ângulos mortos do CC ao nível superior

Fonte : (MDN, PDE 3-07-14, Manual de Combate em Áreas Edificadas, 2011, p. 22)

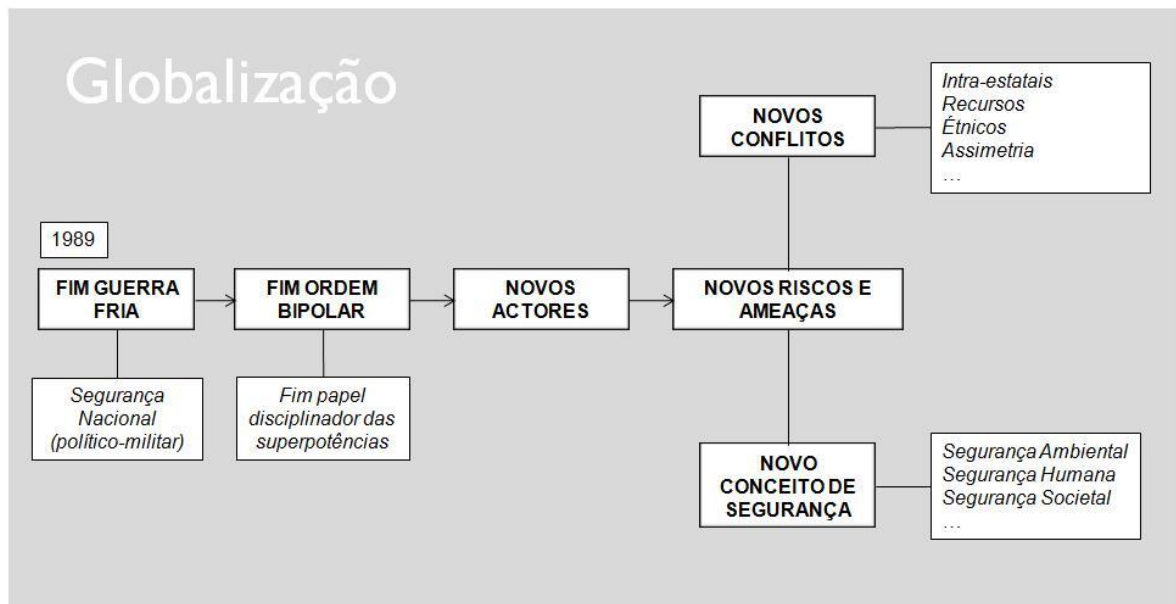
Anexo B – Ângulos mortos do CC ao nível do solo



ANEXO B - Ângulos mortos do CC ao nível do solo

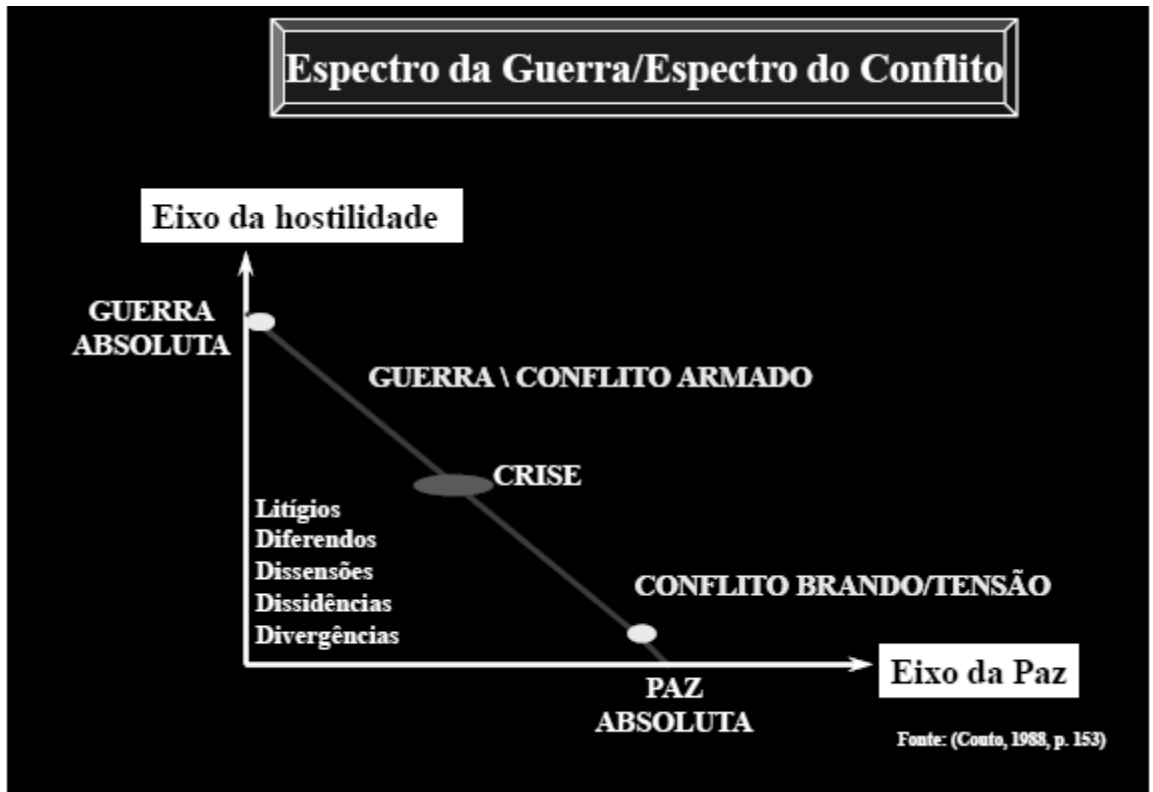
Fonte: (MDN, PDE 3-07-14, Manual de Combate em Áreas Edificadas, 2011, p. 22)

Anexo C- Esquema elucidativo dos efeitos da globalização desde a Guerra Fria à conflitualidade atual



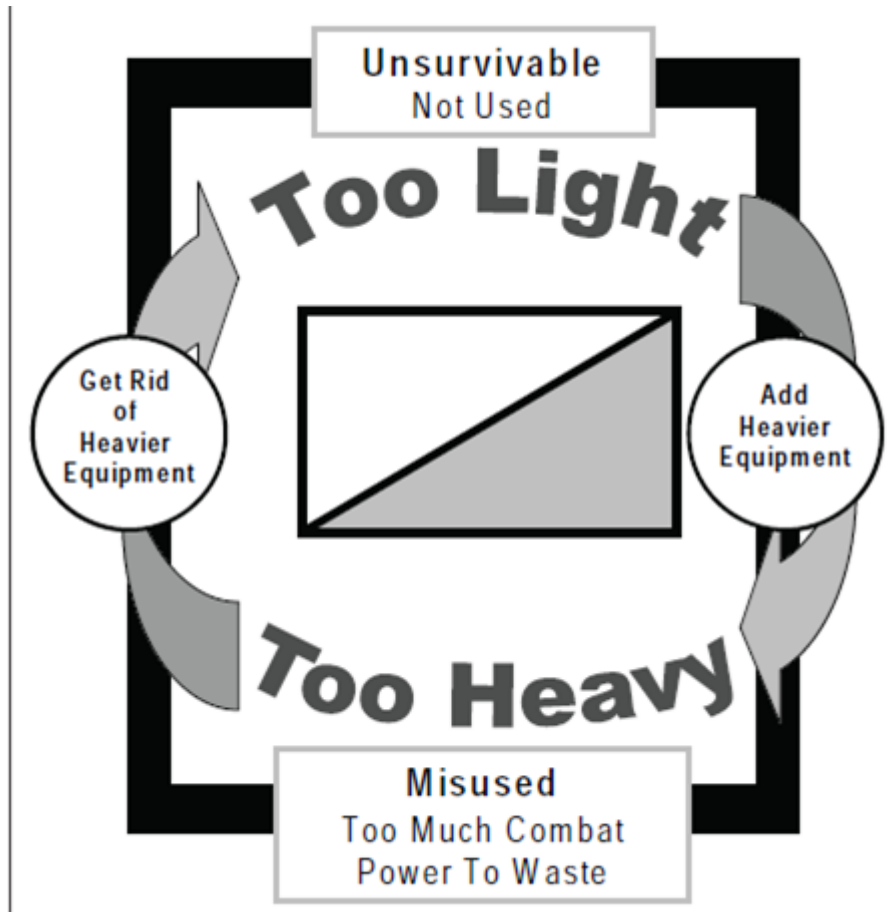
ANEXO C - Esquema elucidativo dos efeitos da globalização desde a Guerra Fria à conflitualidade atual
Fonte: (Lousada & Escorrega, 2011)

Anexo D- Espectro da Guerra



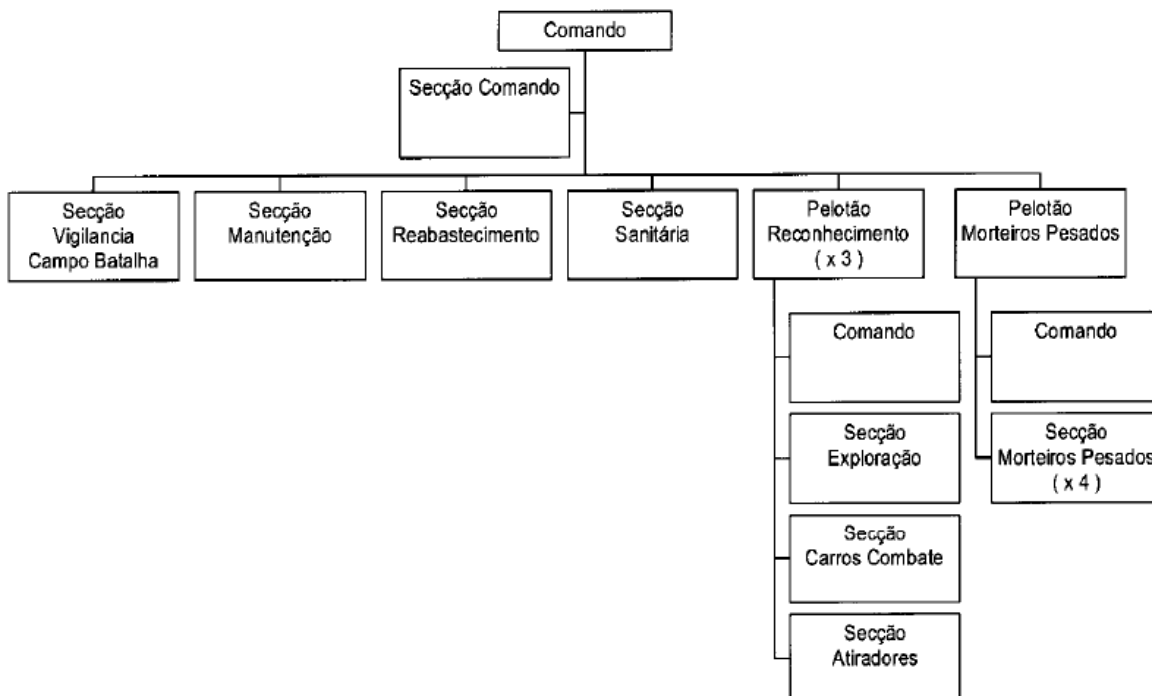
ANEXO D - Espectro da Guerra
Fonte: (Couto, 1988, p. 153)

Anexo E – Paradoxo do Reconhecimento



ANEXO E - Paradoxo do Reconhecimento
Fonte: (McGrath, 2008)

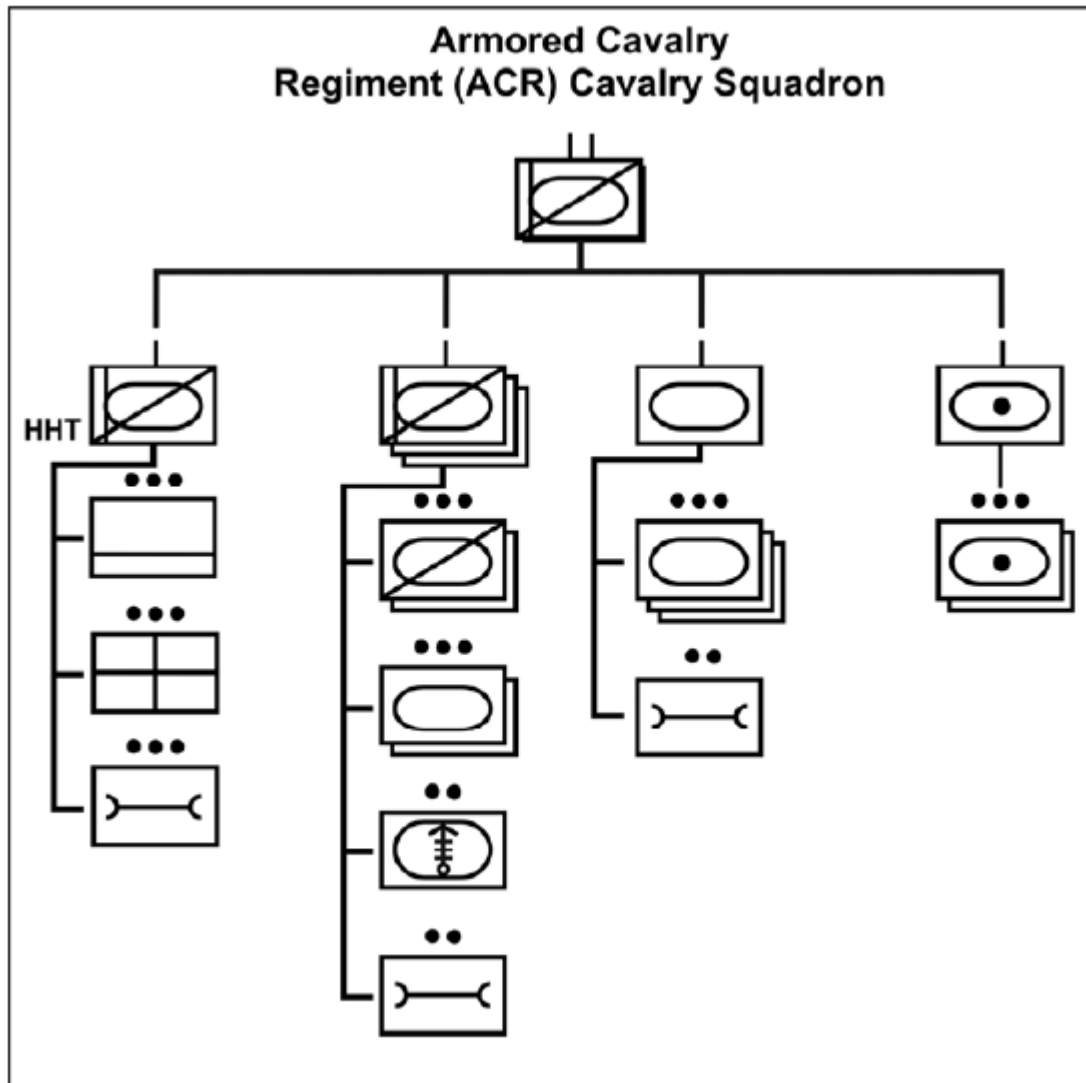
Anexo F - Organograma do ERec da BrigMec



ANEXO F- QO ERec BrigMec 2006

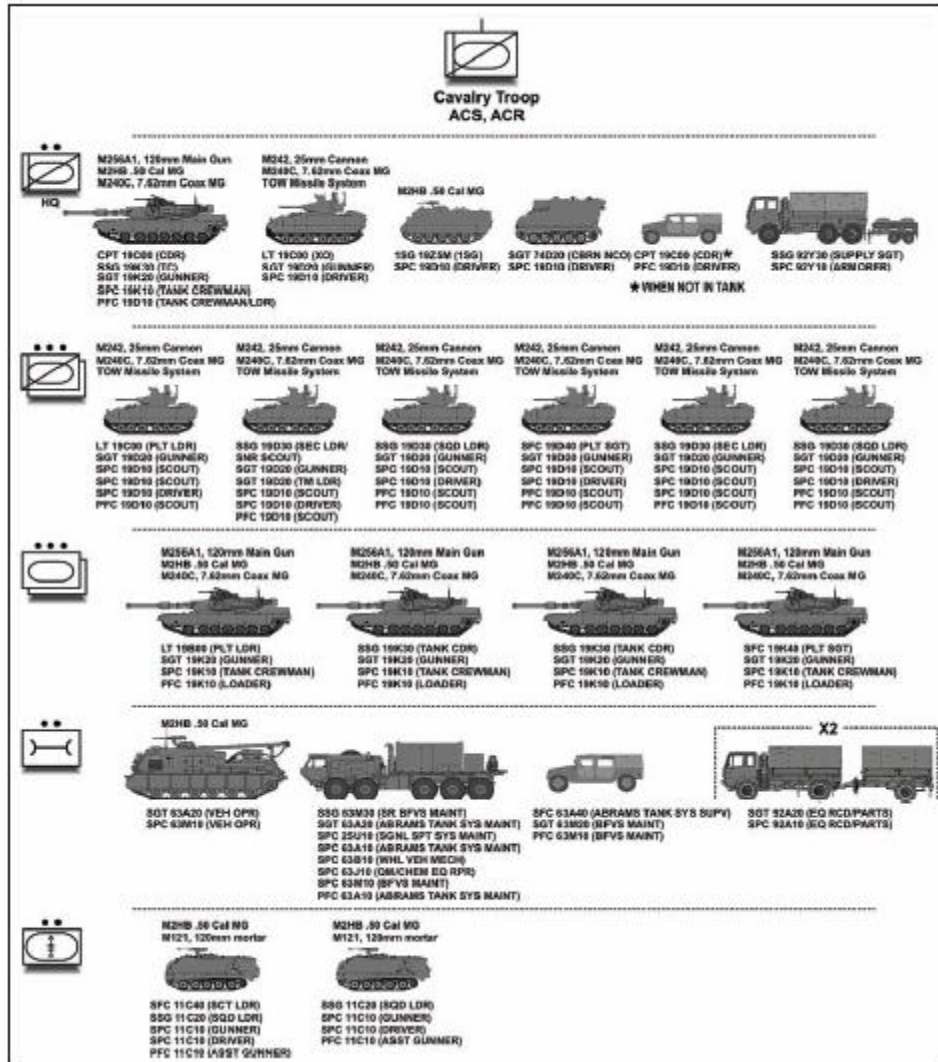
Fonte: (MDN, Quadro Orgânico do Esquadrão de Reconhecimento da BrigMec, Número 24.0.05, 2006)

Anexo G – Organograma do Armored Cavalry Regiment Cavalry Squadron



ANEXO G- Organograma Do Armored Cavalry Regiment Cavalry Squadron
 Fonte: (Army H. D., FM 3-20.96, Reconnaissance and Cavalry Squadron, 2010)

Anexo H- Composição do ACR Cavalry Troop Organization



ANEXO H - Composição do ACR Cavalry Troop Organization

Fonte: (Army H. D., FM 3-20.971, Recon & Cav Troop, 2009)